



# vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2022 – ano 63 – número 343

A detailed black and white illustration of Jesus with long, curly hair and a beard, looking down at a young child. The child is holding Jesus's hand. The background features a golden sun and dark, swirling lines.

**O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA:  
UMA MISSÃO ANTIGA  
E SEMPRE NOVA**



# Formação integral do catequista



A PAULUS acredita na importância da Catequese para a Igreja. Por isso, selecionamos dez obras que oferecem formação pessoal, litúrgica, bíblica e missionária aos catequistas, a fim de prepará-los de maneira integral.

**Prepare-se por inteiro! Conheça todas as obras.**

paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 0800-0164011  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!



## Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida  
pastoral

Verônica viveu regando vidas e morreu enquanto molhava as plantas do seu jardim no quintal de casa. Casa construída no alto, com frente para o nascente e visão para o belo açude Angico, no município de Quixelô, sertão do Ceará. O coração resolveu parar naquele dia do mês de março. Coração todo doado. Dedicou todo o amor ao cuidado. Cuidou da mãe, dona Cecília, que fez a páscoa anos antes. Cuidou do pai, senhor Joaquim, que também partiu anos depois. Professora e catequista, Verônica sabia do cuidado necessário com as palavras. Delicada, ensinava os pequenos desde a pegar no lápis de forma correta até a rabiscar as primeiras letras, soletrar, juntar as sílabas. Ela sabia que aprender é devagar, complexo e fascinante. Na catequese, ensinava-nos a decorar as coisas da fé. O verbo é bem este mesmo, “decorar”, porque guardávamos no coração o que aprendíamos. O “em nome do Pai”, o “pai-nosso”, a “ave-maria” e as rezas populares aprendíamos em roda, uma verdadeira ciranda. Verônica dizia as palavras e nós as repetíamos. Depois, cada um rezava até onde conseguia ter aprendido e, enquanto não decorasse aquela reza toda, não passava para outra. Rezar também era devagar, sem pressa. Certa vez, ela nos contou a história do êxodo do povo de Deus na Bíblia. Como tarefa de casa, ilustramos, do nosso jeito, os principais fatos daquela saga. Por isso, estudar daquele jeito não era só uma experiência do intelecto. Era do coração e do corpo todo. Aqui reside o valor precioso da oralidade, algo tão vivo e presente na cultura de nosso povo.

Tínhamos um respeito grande pela professora e catequista Verônica. E confiança. Lembro-me do meu espanto quando comeci a despertar o desejo de ser padre. Eu não tinha coragem de dizer em casa. Menino da roça, aquele desejo parecia impossível e quase um deboche. Criei coragem de falar à madrinha Verônica, como um segredo, uma confidência. Ela ficou maravilhada. Disse só palavras de incentivo e encorajamento. Prometeu rezar

por mim e me ajudar no que fosse possível. Depois daquela conversa, saí de lá radiante. Aquilo foi epifania. O vento agitava as águas do Angico e eu remava a canoa para o outro lado, para casa. Parecia que, a cada remada, eu crescia de alegria. Alegria de um sonho possível. Um dia eu seria padre.

Essa memória afetiva é para dizer que este número de *Vida Pastoral* constitui também um tributo às catequistas e aos catequistas. No nome de Verônica, por assim dizer, está a multidão de mulheres e homens de nossa Igreja, de todos os tempos e lugares, que se desdobram para o serviço, tocam corações, transformam tantas vidas.

O papa Francisco, em sua sensibilidade pastoral e em sintonia com o Concílio Vaticano II, com a Carta Apostólica *Antiquum Ministerium*, sob a forma de “motu proprio”, instituiu o ministério do catequista, evidenciando, assim, a importância fundamental desse serviço na comunidade. Francisco resgata o que já está no coração da Igreja: a vocação batismal de todo cristão, leigos e leigas que se dedicam ao ensino das coisas sagradas. Nossa gratidão e reconhecimento às muitas “Verônicas” na Igreja que ensinam sobre a fé, não somente como transmissão de conteúdos, mas também como possibilidade de iniciação ao mistério de Deus. Mistério esse que toca nossa existência e a preenche de sentido.

O Senhor conta conosco para que reguemos, com entusiasmo e zelo, o jardim da vida e testemunhemos a alegria da Boa Notícia, a começar de nossa casa, igreja doméstica. Que este número de *Vida Pastoral* anime e inspire sempre mais sua vida e a vida da comunidade, para que sejamos “verdadeiras imagens” de Cristo, assim como o nome “Verônica” (*verus* + *icon*) quer significar.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp  
Editor

# vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes  
e agentes de pastoral

Ano 63 - Nº 343  
janeiro-fevereiro de 2022



© PAULUS – 2022  
Pia Sociedade de São Paulo  
Rua Francisco Cruz, 199  
04117-091 – São Paulo - SP  
paulus.com.br  
ISSN – 0507-7184

**Jornalista responsável**  
Pe. Valdir José de Castro, ssp

**Direção editorial**  
Pe. Sílvio Ribas, ssp

**Editor**  
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

**Redação**  
vidapastoral@paulus.com.br

**Conselho editorial**  
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp  
Pe. Darci Luiz Marin, ssp  
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp  
Pe. Sílvio Ribas, ssp

**Imagens**  
Romolo Picoli Ronchetti (artigos)  
e iStock  
(Roteiros Homiléticos)

**Imagem da capa**  
Romolo Picoli Ronchetti

**Diagramação**  
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

**Revisão**  
Alexandre Soares Santana  
Tiago José Risi Leme

**Impressão - PAULUS**

**Versão digital**



vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

**Área:**  
Humanidades e artes.  
Curso: Teologia.

## Sumário

ENTENDENDO O “MOTU PROPRIO”  
ANTIQUUM MINISTERIUM, PELO QUAL SE INSTITUI  
O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA..... 5  
Elizeu da Conceição, css

O PAPA INSTITUI O “MINISTÉRIO LAICAL  
DO CATEQUISTA”: ALEGREMO-NOS!..... 12  
Guillermo Daniel Micheletti

FORMAÇÃO CRISTÃ E MISTAGOGIA NOS  
DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II ..... 20  
Leandro Francisco Pagnussat

CATEQUESE MISTAGÓGICA  
DE DISCERNIMENTO JUVENIL..... 28  
João dos Santos Barbosa Neto

ROTEIROS HOMILÉTICOS ..... 38  
Izabel Patuzzo

## Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: [www.vidapastoral.com.br](http://www.vidapastoral.com.br)

### Para contato:

[paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja)

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 99974-1840

✉ [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)

📱 @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!



### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina  
(91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco  
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasil@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

### COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01  
(42) 9926-0224  
guarapuava@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32, Centro  
(82) 3142-0544  
maceio@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metró Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br



## O DOMINGO: 90 ANOS

**E**ra o ano de 1932. Havia transcorrido um ano da chegada dos primeiros missionários italianos paulinos ao Brasil. Imediatamente iniciaram *O Domingo*, guardando as características de *La Domenica*. Como a liturgia da época era fixa (em latim), o folheto limitava-se a ilustrar a Palavra de Deus com fatos da vida, anedotas, vidas de santos e gravuras, ajudando o celebrante a enriquecer a homilia. A parte catequética limitava-se a apresentar matérias que tornassem mais acessível o catecismo de Pio X.

A primavera trazida pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), especialmente com a *Sacrosanctum Concilium*, provocou grandes mudanças também na liturgia. Concluído o Concílio, o fundador dos Paulinos, o Bem-aventurado Pe. Tiago Alberione (1884-1971), enviou ao Brasil o recém-ordenado Pe. Virgílio (1927-2016). Alguns anos após sua chegada, Pe. Virgílio assumiu a redação de *O Domingo*, permanecendo por 30 anos. Estabeleceu criativo diálogo com D. Clemente Isnard (1917-2011), grande referência em liturgia da Igreja no Brasil, com destacada atuação no Concílio.

Pe. Virgílio nos contou em 1984 (em entrevista publicada em *Vida Pastoral*): “Recebemos como herança um *O Domingo* ainda a engatinhar pelas sendas da transformação, mas bem vivo e com muita vontade de crescer. Como primeiro gesto, trocamos o antigo cabeçalho. A seguir, modificamos a apresentação tipográfica; eliminamos a matéria anedótica em busca de maior respiro para a liturgia; elaboramos comentários, preces

e atos penitenciais mais dinâmicos e engajados; começamos a apresentar dois breves artigos: o primeiro, ilustrando a mensagem bíblica do dia e servindo como ponto de partida para uma reflexão profunda; o segundo, de tipo catequético, explicando aos fiéis os valores mais preciosos da vida cristã (sacramentos, liturgia, Bíblia...). Como subsídios suplementares, eis também os ‘discos de *O Domingo*’, para facilitar o ensaio dos cantos publicados”.

Outros periódicos equivalentes surgiram após o Vaticano II, mas, além da experiência do pioneirismo, *O Domingo* continuou a distinguir-se com sua marca característica: caminhar com o Evangelho e com a Igreja, mantendo viva a chama da profecia, a serviço do povo de Deus de todo o Brasil.

Na atualidade – embora atingidos pelo prolongado impacto trazido pela pandemia –, com empenho e esperança, abraçamos o convite do papa Francisco para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, sugerindo caminhos para a construção de uma cultura do cuidado e do diálogo.

Neste trajeto de 90 anos, cabe-nos agradecer especialmente aos párocos de todo o Brasil que caminharam conosco. No horizonte vislumbramos novas perspectivas, saindo juntos e melhores da grande provação pela qual todos estamos passando. A caminho, rumo aos 100 anos!

*Pe. Darci Luiz Marin, ssp*  
Coordenador dos periódicos da Paulus





Entendendo o  
“motu proprio”  
*Antiquum Ministerium*,  
pelo qual se institui  
o ministério de catequista

\*Pe. Elizeu da Conceição, css, é doutor em Teologia Pastoral pela UPS-Roma (2020). Mestre em Teologia pela UPS-Roma, com especialização em Pastoral Juvenil (2017). Bacharel em Teologia pelo Itesp (2008). Bacharel em Filosofia pela PUC-Campinas (2003). Sacerdote e religioso estigmatino. Foi assessor provincial da Pastoral Juvenil (2007-2014) e conselheiro provincial, responsável pelo Setor Pastoral (2011-2014). Membro da Secretaria Geral no Sínodo para a Amazônia (2019). É responsável pela missão São Gaspar Bertoni, no Parque São Rafael, em São Paulo. E-mail: pelizeudaconceicao@gmail.com

# Este artigo apresenta o novo motu proprio do papa Francisco, mediante o qual se institui o ministério de catequista. Enfatiza-se que o santo padre está em sintonia com o Concílio Vaticano II no reconhecimento da vocação batismal dos leigos.

## INTRODUÇÃO

O presente texto traz algumas indicações para melhor compreendermos a Carta Apostólica sob a forma de “motu proprio” *Antiquum Ministerium*, do papa Francisco. Individuamos alguns elementos que destacam a ministerialidade da Igreja, vislumbrando uma comunicação da fé que seja crível e adequada ao nosso tempo. Esse modelo eclesial reconhece os inúmeros homens e mulheres leigos que servem na Igreja, por vocação, mediante o ministério de catequista.

A leitura do documento suscita algumas questões cruciais: Por que o papa Francisco instituiu o ministério de catequista? O “motu proprio” *Antiquum Ministerium* foi uma intuição instantânea ou fruto de um percurso dentro da Igreja católica? Qual é a mudança concreta na catequese das paróquias motivada por esse novo ministério? Tais questões nos ajudam a entrar nesse pequeno documento, de 11 números, que é denso de conteúdo e rico em significado.

### 1. O MINISTÉRIO DO CATEQUISTA É ANTIGO NA IGREJA

Citando a afirmação que abre o *motu proprio*: “Ministério antigo é o de catequista na Igreja” (n. 1), dom Fisichella argumenta que o papa Francisco “institui para a Igreja no terceiro milênio um novo ministério, que desde sempre acompanhou o caminho da evangelização para a Igreja de todos os tempos, o de catequista” (FISICHELLA; TEBARTZ-VAN ELST, 2021, tradução nossa). Na sua intervenção, ele destaca que

a iniciativa de criar esse ministério laical está em sintonia com o chamado do Concílio Vaticano II aos leigos para viverem efetivamente a dimensão apostólica da sua vocação batismal. Desse modo, percebemos que, com essa instituição, “o papa Francisco está promovendo ainda mais a formação e o compromisso dos leigos. É uma nota que merece consideração, porque acrescenta uma conotação ainda mais concreta ao grande impulso oferecido pelo Concílio Vaticano II” (ibid.). Dom Fisichella lembra ainda que os

homens e mulheres são chamados a expressar sua vocação batismal da melhor maneira possível, não como substitutos de sacerdotes ou pessoas consagradas, mas como autênticos leigos e leigas que, na particularidade de seu ministério, tornam possível experimentar em sua plenitude o chamado batismal para testemunhar e servir efetivamente na comunidade e no mundo” (ibid.).

Diante de um mundo já em crise e da realidade imposta pela covid-19, certamente a sabedoria e a atuação dos leigos e leigas na tarefa de evangelizar será ainda mais imprescindível, dado que seu testemunho toca diretamente o coração do mundo contemporâneo.

No pontificado do papa Francisco, como é bem notável, tudo está dentro de uma linha ministerial. Por conseguinte, essa iniciativa deve ser vista em conexão com a



instituição do acólito e do leitor, tornando possível a existência de leigos mais bem formados e preparados para a transmissão da fé. E isso está em sintonia com uma caminhada ainda mais ampla, aquela feita nos dois milênios de vida cristã. “Toda a história da evangelização destes dois milênios manifesta, com grande evidência, como foi eficaz a missão dos catequistas” (FRANCISCO, 2021, n. 3).

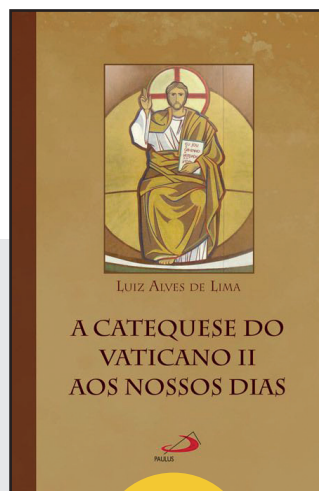
Nesse sentido de memória histórica, é indiscutível a novidade apresentada por Francisco. No entanto, ela cumpre um desejo do papa São Paulo VI, que, na *Evangelii Nuntiandi*, assim se exprimia:

os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados [...]. Um relance sobre as origens da Igreja é muito elucidativo e fará com que se beneficie de uma antiga experiência nesta matéria dos ministérios, experiência que se apresenta válida, dado que ela permitiu à Igreja consolidar-se, crescer e expandir-se [...]. Tais ministérios, novos na aparência, mas muito ligados a experiências vividas pela Igreja ao longo da sua existência, por exemplo, os de catequistas [...], são preciosos para a implantação, para a vida e para o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes (EN 73).

A citação acima possibilita melhor compreensão do contexto eclesial no qual está inserida essa nova instituição. Foi preciso passar quase 50 anos para a Igreja reconhecer que o serviço desempenhado por tantos homens e mulheres, com seu empenho catequético, constitui realmente um ministério

## A catequese do Vaticano II aos nossos dias

Luiz Alves de Lima



280 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

A obra apresenta as mudanças e as adaptações aplicadas à catequese desde o Concílio Vaticano II, evento que incitou transformações importantes para toda a Igreja.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**



“Diante de um mundo já em crise e da realidade imposta pela covid-19, certamente a sabedoria e a atuação dos leigos e leigas na tarefa de evangelizar será ainda mais imprescindível.”



peculiar para o crescimento da comunidade cristã. Em vista disso, dom Fisichella afirma que “somente na unidade entre uma atenção profunda às nossas raízes e um olhar realista para o presente é que será possível compreender essa exigência da Igreja de chegar à instituição de um novo ministério eclesial” (FISICHELLA;TEBARTZ-VAN ELST, 2021, tradução nossa).

## 2. A DATA DA PUBLICAÇÃO

É importante ressaltar a data da publicação do documento, já que é significativo que o papa Francisco tenha tornado público esse *motu proprio* na memória litúrgica de São João de Ávila, presbítero e doutor da Igreja, celebrado no dia 10 de maio. “Esse doutor da Igreja foi capaz de oferecer aos crentes de seu tempo a beleza da Palavra de Deus e o ensinamento vivo da Igreja em uma linguagem não só acessível a todos, mas também revestida de uma intensa espiritualidade” (FISICHELLA;TEBARTZ-VAN ELST, 2021, tradução nossa). Cumpre lembrar também que esse santo

era um magnífico teólogo e, portanto, um grande catequista. Em 1554 ele escreveu o catecismo “A doutrina cristã”, dividida em quatro partes, com uma linguagem tão simples e acessível a todos que poderia ser cantada como uma cantilena, e aprendida de memória como uma rima infantil útil para todas as circunstâncias da vida (ibid.).

Como tudo em Francisco não acontece ao acaso, mas está sempre ligado a um fio que permeia toda a sua visão eclesial, a escolha dessa data não é acidental. Os exemplos e o

estilo de São João de Ávila comprometem os catequistas a se inspirarem em seu testemunho, principalmente no apostolado catequético fecundo mediante a oração, o estudo da teologia e a comunicação simples da fé.

## 3. O SIGNIFICADO DA INSTITUIÇÃO DE UM NOVO MINISTÉRIO

A catequese sempre acompanhou a evangelização na Igreja e se tornou ainda mais relevante nos momentos de preparação para que os catecúmenos recebessem o batismo. Desde as primeiras comunidades cristãs, a figura do catequista foi considerada fundamental. Sendo assim, para a Igreja, instituir um ministério é associar-se fortemente às primeiras comunidades e, ao mesmo tempo, reconhecer que a pessoa investida desse carisma realiza autêntico serviço eclesial.

O papa Francisco reconhece e promove, com esse *motu proprio*, a dedicação dos leigos à formação e à evangelização. Vale registrar que o apostolado laical, sempre de fundamental importância, vem ganhando maior reconhecimento desde o Concílio Vaticano II, mas principalmente com o magistério do atual sumo pontífice. Os homens e mulheres catequistas são chamados a expressar o melhor da sua vocação batismal, sem correrem o risco de cair em uma clericalização. No *motu proprio*, papa Francisco afirma que

não se pode negar que cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Por conseguinte, receber um ministério laical como o de catequista imprime uma acentuação maior



ao empenho missionário típico de cada um dos batizados que, no entanto, deve ser desempenhado de forma plenamente secular, sem cair em qualquer tentativa de clericalização (FRANCISCO, 2021, n. 7).

Nesse ponto percebemos que o santo padre se opõe “a uma clericalização dos leigos e a uma laicização do clero” (FISICHELLA; TEBARTZ-VAN ELST, 2021), já que se trata de um ministério tipicamente laical, que requer uma correspondência com todos os dons oferecidos à Igreja. Assim, ganha maior força a expressão segundo a qual os leigos exercem a função de ser sal da terra e luz do mundo onde vivem. Isso está em sintonia com o *Directorio Geral para a Catequese*, que afirma que a Igreja, sendo mãe de todos, vê com profunda dor as inumeráveis pessoas que sofrem sob o peso da miséria e, por meio da catequese, “deseja suscitar no coração dos cristãos o empenho pela justiça e a opção ou amor preferencial pelos pobres, de modo que a sua presença seja realmente luz que ilumina e sal que transforma” (DGC 17).

A importância dessa instituição ministerial, portanto, reside na vocação de catequista, à luz da qual homens e mulheres vivem não apenas uma etapa da vida dedicada à formação, mas toda uma vida doada. Com base nesse documento, podemos afirmar, com maior veemência, que os catequistas não podem ser improvisados, pois “o compromisso de transmitir a fé, além do conhecimento de seu conteúdo, exige um encontro pessoal prévio com o Senhor. Aqueles que exercem o ministério de catequista sabem que falam em nome da Igreja e transmitem a fé da Igreja” (FISICHELLA; TEBARTZ-VAN ELST, 2021, tradução nossa).

É necessário ressaltar, ainda, a estabilidade desse ministério, ensinada pelo *motu proprio*, a qual requer uma correspondência com a vocação da pessoa. O catequista por vocação se descobre em constante crescimento de fé,

precisando alimentar-se na fonte inesgotável do mistério, para assim comunicar a fé aos demais membros da comunidade e da sociedade em geral. Portanto, a vocação é, por sua natureza, para toda a vida, e o próprio conceito de catequista se expande para além do simples período de cuidar de uma turma que se prepara para os sacramentos, entrando no testemunho de amor permanente dentro da família, da comunidade e da sociedade. Isso não significa que, por toda a vida, se possa exercitar o ministério, mas o fato é que uma pessoa não deixará de ser catequista por causa dos limites físicos, impostos pela idade ou pela saúde, que a impeçam de transmitir a fé a um grupo específico, de modo formal.

#### 4. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Certamente, alguns se perguntarão: “O que irá mudar a partir dessa instituição ministerial?” Para responder, é necessário entender a palavra do papa no próprio documento:

Este ministério possui uma forte valência vocacional, que requer o devido discernimento por parte do bispo e se evidencia com o rito de instituição. De fato, é um serviço estável, prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical, como exige a própria natureza do ministério. Convém que, ao ministério instituído de catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para serem solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (FRANCISCO, 2021, n. 8).

Diante disso, em vista de sólida formação, “o Catecismo da Igreja Católica poderá ser o instrumento mais qualificado do qual cada catequista se tornará verdadeiro especialista” (FISICHELLA; TEBARTZ-VAN ELST, 2021). Também as conferências episcopais farão indicações concretas, mostrando as formas mais coerentes com suas realidades para designar os catequistas que receberão tal ministério. Como é próprio de cada tradição local, as conferências episcopais deverão individualizar alguns requisitos, como idade, estudos necessários, condições e modalidades de atuação de cada catequista, enquanto a Congregação para o Culto Divino terá a responsabilidade de publicar o rito litúrgico para instituição do ministério.

Logo, não se podem confundir as funções, como enfatiza dom Tebartz-van Elst:

Papa Francisco evidencia que o catequista não deve assumir funções litúrgicas ou pastorais ou de responsabilidades de outros ministérios, mas o seu ministério se revela a partir do seu testemunho como um mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja (ibid.).

A novidade é que, de acordo com esse *motu proprio*, o serviço do catequista não se reduz à catequese paroquial, mas envolve ser um evangelizador, alguém que transmite a fé da Igreja, onde quer que seja chamado a fazê-lo. Uma pessoa não deixa de ser catequista nos lugares de trabalho e fora do ambiente eclesial, mas é justamente lá que dará seu testemunho cristão. Sem tirar nada ao ministério do bispo e do clero, há pessoas leigas que sentem essa vocação ou são

chamadas a prestar um serviço à comunidade cristã por toda a vida.

A instituição dessas pessoas, por meio do rito a ser realizado pelo bispo, põe o catequista a serviço do ordinário local ou da diocese. Se o bispo precisar do catequista em outra paróquia, diferente daquela de origem, não só para ensinar um grupo, mas também para a organização da catequese de modo amplo, encontrará pessoas dispostas a realizar tal função.

Dom Fisichella afirma que “não existe um crachá ou diploma para o catequista, mas existe um progresso do exercício catequético que, juntamente com a comunidade, acontecerá na vida prática de cada homem e mulher” (ibid.). Assim, nem todas as pessoas que se dedicam, nas paróquias, a formar as crianças na catequese receberão a instituição do ministério de catequista. Muitas estão servindo a Igreja dessa maneira por um período determinado de tempo, não como vocação específica da sua vida. Essas pessoas podem e devem continuar a exercer sua função catequética, mas sem receber o ministério.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos a apresentação do novo *motu proprio*, ressaltando um ponto importante que já foi objeto de questionamento por parte de algumas pessoas, sob o argumento de que a instituição do ministério de catequista seria uma forma de desviar a atenção das discussões sobre os *virii probati* e a ordenação feminina. Fica o alerta de que não se devem misturar as discussões de pontos importantes na vida da Igreja. Com esse *motu proprio*, intui-se a valorização do

“O papa Francisco reconhece e promove, com esse ‘*motu proprio*’, a dedicação dos leigos à formação e à evangelização.”

catequista como figura de singular importância na vida da Igreja. Cada carisma e cada ministério eclesial têm sua peculiaridade, por isso precisam ser pensados de modo separado, mas com a consciência da valorização do todo.

Os catequistas não vão suprir a falta de sacerdotes ou de religiosos e religiosas na Igreja; também não suprirão a falta de ministros extraordinários da Eucaristia, pois cada ministério tem sua função, beleza e vocação.

Atento ao grande contexto histórico eclesial, o santo padre não instituiu esse ministério de modo rápido, como se fosse uma inspiração instantânea, mas seguiu os passos de maturação e reflexão da Igreja. Há mais de cinco anos, algumas comissões estudam a melhor forma de valorizar ainda mais a catequese no seu papel evangelizador. Segundo dom Fisichella, algumas conferências episcopais foram consultadas e alguns momentos de estudos entre especialistas foram realizados, de modo que o resultado do *motu proprio* é fruto de longo percurso.

No momento, cabe a cada paróquia estudar esse documento com os/as catequistas e aguardar as orientações práticas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO, Papa. *Antiquum Ministerium*: Carta Apostólica em forma de “motu proprio” pela qual se institui o ministério de catequista. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: CNBB, 2021. (Documentos Pontifícios, n. 48.)

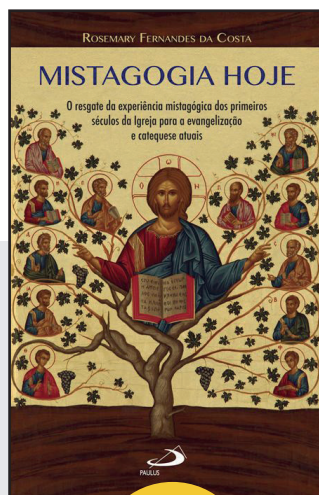
PAULLOVI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulus, 1975.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

## Mistagogia Hoje

O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais

Rosemary Fernandes da Costa



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Esta obra ajuda no processo de retomada da experiência mistagógica como fonte e referencial para a dinâmica da catequese e da evangelização atuais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**



\*Pe. Guillermo Daniel Micheletti, presbítero argentino da diocese de Santo André-SP. Vigário paroquial da Paróquia Santa Teresinha, São Bernardo do Campo-SP. Licenciando em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia. Professor de Sacramentos e de Pneumatologia na Escola de Teologia Diocesana. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat). E-mail: gdmiche@terra.com.br

## O papa institui o “ministério laical do catequista”: alegremo-nos!



*As pessoas que trabalham na reflexão catequética e os(as) catequistas da Igreja ficaram imensamente agradecidos pela iniciativa do papa Francisco de instituir o ministério laical do catequista com o “motu proprio” Antiquum Ministerium. Este artigo pretende apresentar o documento em seis pontos; inicia com breve percurso histórico e, a seguir, o documento é exposto em quatro partes, para oferecer uma panorâmica do significado e da importância do “motu proprio” para os leigos e leigas catequistas na Igreja.*

## INTRODUÇÃO

“Em meio a tanta dor, desconcerto e pobreza que gera a pandemia, teu Documento nos alegra e fortalece como pastores para seguir acompanhando a vida e o ministério de nossos[as] catequistas. Juntos, com criatividade e valentia, nos faz viver como ‘Igreja em saída’, que abre seus braços com misericórdia”.<sup>1</sup>

### 1. OS MINISTÉRIOS NA HISTÓRIA ECLESIAL

Na Igreja de Roma, encontra-se, pela primeira vez, uma ação ritual com uma sequência lógica e coerente para a instituição de variados ministérios, no testemunho que traz o documento da *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma (n. 30; apud BRANDÃO, 2021): “O leitor será instituído quando o bispo lhe der o livro; também sobre ele não será imposta a mão”. Esses ministérios faziam parte de uma *pluriministerialidade da Igreja nascente*, onde, certamente, os ministérios não ordenados eram muito valorizados (BRANDÃO, 2021, p. 4-5).

Essa pluralidade de ministérios, mais ou menos fixados no século X, chegou até o Concílio de Trento. Nesse período – a modo de exemplo –, o processo de admissão ao presbiterado era constituído de *cinco ordens menores*: o hostiário, o leitor, o exorcista, o acólito e o subdiácono (a partir do século XII, o subdiaconato passou a ser considerado *ordem maior*).

Com o advento do Concílio Vaticano II (1962-1965), declara-se que as ações litúrgicas “pertencem ao corpo da Igreja”: assembleia reunida, na diversidade dos seus membros e ministérios, como “sujeito da liturgia” (SC 26). Além disso, considera-se que os diversos serviços exercidos por leigos, dentro da celebração (comentarista, leitor, cantor...), são verdadeiros e próprios ministérios (SC 29).

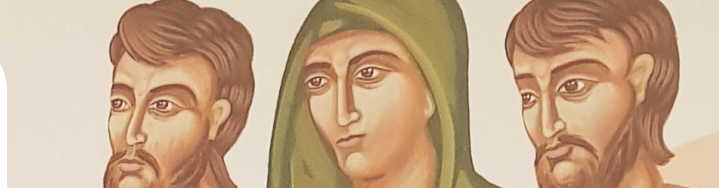
<sup>1</sup> Da carta de agradecimento pela instituição do ministério do catequista, enviada ao papa Francisco pela Comissão Episcopal de Catequese Argentina.

Com espírito renovador, o Concílio propunha um retorno à experiência originária, na qual batizados e batizadas atuavam e contribuíam efetivamente para o crescimento da Igreja, quando ainda – graças a Deus – não havia a distinção que conhecemos hoje, entre clero e leigos; quando, na verdade, todo o povo se entendia como clerical, isto é, povo da *herança* (PRETE, 2002, p. 373-389). Com efeito, a palavra “clero” (κλήρος) significa “herança”, “porção”, “parte”. Era utilizada no AT para designar a tribo dos levitas, a qual não havia recebido parte nenhuma do território de Israel. Os levitas eram o “clero”, isto é, “herança consagrada ao Senhor” (Nm 18,20; Js 13,14.33). Assim, o termo passou à comunidade cristã em seu conjunto, jamais apenas para alguns de seus membros (At 8,21; 26,18; Cl 1,12; 1Pd 5,3). A clerezia é a nova realidade espiritual dada por Cristo a todos os homens e mulheres que se identificam com o Reino de Deus. Na verdade, Lucas, em At 26,18, quis indicar com a palavra “clero” os dons mais significativos e elevados que Deus concedeu ao povo dos que acreditam. Objetivamente, 1Pd 1,4 apresenta o caráter fortemente transcendente dessa herança, como dom que provém da grande misericórdia de Jesus Cristo (1Pd 1,3) e se destaca dos dons caducos e corruptíveis que os seres humanos podem oferecer. Essa herança é a participação na graça da vida (1Pd 3,7) e a bênção sobre o povo (1Pd 3,9) (cf. At 20,32; Cl 3,24) (PRETE, p. 385-386; ESTRADA, 2005, p. 393-398).

Por isso, no coração dos padres conciliares pairava profundo desejo de reforma da estrutura ministerial da Igreja, mediante a concretização de ousada abertura ministerial aos leigos. A primeira decisão foi adotar o termo “instituições”, cancelando para os ministérios a palavra “ordens”. De outra parte, preferiu-se deixar a escolha de novos ministérios a cargo de cada Igreja (oriental e ocidental). Entre os possíveis novos ministérios, já se falava do “ministério dos catequistas”. Nos debates



*“No coração dos padres conciliares pairava profundo desejo de reforma da estrutura ministerial da Igreja, mediante a concretização de ousada abertura ministerial aos leigos.”*



conciliares, não se chegou a um consenso quanto à conferência de ministérios “para as mulheres” (BRANDÃO, 2021, p. 5).

A seguir, o papa Paulo VI aboliu os ministérios clericais e recriou os ministérios de *leitor* e *acólito*, destinando-os também aos leigos. Com efeito, o Concílio havia proposto “outros ministérios” que promovessem o crescimento da comunidade eclesial, pelo seu fecundo exercício (LG 31), iniciativa reforçada pelo próprio papa na *Evangelii Nuntiandi* (8/12/1975), ao insistir, em primeiro lugar, no “ministério dos catequistas” (EN 70; 73).

Numa conclusão sintética, o resultado dos debates conciliares acerca dos ministérios indica que:

- o tema dos ministérios, ligado intrinsecamente aos carismas suscitados na Igreja, põe em crise a dupla sacerdócio–laicato em favor da dupla ministérios–comunidade;
- os ministérios, sobretudo no processo de reconhecimento eclesial, ficam estreitamente ligados ao dinamismo da Igreja local;
- os ministérios não são elementos acidentais, secundários, do ser da Igreja; ao contrário, *estruturam concretamente* a mesma Igreja;
- a Igreja se insere então, pela obediência da fé, no interior de uma dinâmica de descobrimento, valorização e estruturação dos mesmos ministérios;
- a tensão instaurada entre o exercício dos ministérios de fato e o processo de reconhecimento eclesial de alguns ministérios cria fecunda dinâmica na qual a Igreja pode deixar-se interrogar pela práxis pastoral a serviço dos que creem em Cristo.

Por um lado, a Igreja, ao atuar na perspectiva da criação de novos ministérios, deve estar atenta para não deixar-se guiar pelos medos e incertezas – por vezes justificados – da ocorrência de alguns possíveis abusos; por outro, uma insistente ênfase sobre o ministério ordenado traz o risco de não dar o devido espaço à necessária pluralidade que promove a existência de outros ministérios, sobretudo quando se trata de ministérios abertos aos leigos e leigas (TORCIVA, 2016, p. 164).

## 2. SOBRE O MINISTÉRIO DO CATEQUISTA

Vejamos o que a história da catequese nos traz sobre os acontecimentos que, após o Vaticano II, levaram à instituição do “ministério do catequista”.

Por certo, a Igreja, a partir do Concílio, compreendeu, com renovada consciência, a importância e o compromisso do laicato na obra da evangelização.<sup>2</sup> Reafirmou-se insistentemente a grande necessidade de envolver diretamente os fiéis leigos e leigas nas mais variadas formas em que se podem exprimir seus carismas. Entre eles, percebia-se a dignidade e a benemérita obra dos catequistas, tanto de homens como de mulheres, que, imbuídos de espírito apostólico, prestam, com grande esforço, absoluta e necessária ajuda à expansão da fé.

Assim, em apoio a essa vigorosa ação catequética, foram publicados valiosos documentos: o *Catecismo da Igreja Católica* (1992), o *Diretório Geral para a Catequese* (1997) e o recente *Diretório para a Catequese* (2021), acompanhados de inúmeras publicações no âmbito nacional, regional e diocesano, como expressão do valor central da obra

<sup>2</sup> O clero não pode pretender controlar as iniciativas do laicato fora da Igreja. A missão do leigo deriva do “mandato de Cristo”, e não da hierarquia. Na *Apostolicam Actuositatem*, fala-se do direito dos leigos e leigas. Assim, o Vaticano II superou a prerrogativa de “leigos mandados pela hierarquia” ou como “extensão do braço do clero” (BRIGHENTI, 2019, p. 72-73).



catequética, pondo em primeiro plano a formação e a iniciação à vida cristã dos fiéis (*Antiquum Ministerium*, n. 4).

Decerto o papa Francisco se inspirou no decreto conciliar *Ad Gentes* (Para as Nações),<sup>3</sup> no qual os padres conciliares afirmavam, com uma linguagem e perspectiva eclesiológica limitada, própria daquele tempo, que

não se deve esquecer o reconhecimento devido ao verdadeiro número dos catequistas [...], que [...] prestam indispensável auxílio ao crescimento da fé e da Igreja nos países de missão. Eles são uma ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja. Em nossos dias, o ofício dos catequistas adquire importância ímpar, tão grande é o número das multidões a serem evangelizadas [...]. O ofício dos catequistas tem muitíssima importância (AG 17).

Percebemos, assim, que os ensinamentos do Concílio exprimem, nas entrelinhas, que a catequese *não é um apêndice da pastoral*, senão que, junto à caridade e à celebração eucarística, *ela é insubstituível* na formação da identidade cristã. Pois bem, para confirmar esse papel fundamental da catequese, o papa Francisco reconhecerá o carisma dos catequistas com o “*motu proprio*” *Antiquum Ministerium* (MPAM) – Ministério Antigo –, para deixar a Igreja alinhada com “fidelidade criativa ao espírito do Concílio e da realidade” (CON UNA MISA..., 2021, tradução nossa).

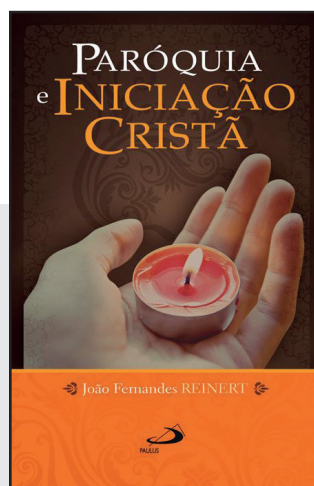
No Brasil, a catequese sempre se manifestou criativa e fecunda. Nos últimos tempos, o tema da ministerialidade foi cenário de insistentes reflexões catequéticas. Na Conferência

<sup>3</sup> Texto aprovado pelos padres conciliares com 2.394 votos, foi promulgado pelo papa Paulo VI em 7/12/1965. Estabelece a evangelização como uma das missões fundamentais da Igreja católica e reafirma o vínculo entre evangelização e caridade com os pobres. Pede também a formação de comunidades cristãs fortes, bem como relações fortes com outros cristãos. Por fim, estabelece diretrizes para a ação evangelizadora dos missionários e catequistas. O n. 17 desse decreto está citado em nosso artigo com algumas adaptações.

## Paróquia e iniciação cristã

A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal

João Fernandes Reinert



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A transmissão da fé e sua consequente vivência eclesial/comunitária são dois desafios pastorais da atualidade. Este livro apresenta o que o catecumenato tem a dizer à renovação paroquial e em que sentido tal renovação contribui para o catecumenato.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

de Aparecida (de 13 a 31/5/2007), fez-se uma consulta sobre a possibilidade de instituir esse ministério. Em 2018, 120 catequistas participaram ativamente do II Congresso Internacional de Catequese, realizado em Roma. Nesse encontro, no qual o tema da ministerialidade veio à tona, discutiu-se a redação de um novo Diretório para a Catequese, lembrando o *Diretório Geral para a Catequese* (1997), que havia tratado do assunto (DGC 231c).

Não podemos omitir que o *Diretório Nacional de Catequese* já propunha a instituição do “ministério do catequista” para aqueles que são “reconhecidamente eficientes como educadores da fé de adultos, jovens e crianças, e estão dispostos a se dedicar por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade” (DNC 245). Tal certificação do trabalho do catequista como ministério formalmente reconhecido na comunidade – diz o Pe. Lima (2006, p. 205) – deseja valorizar o importantíssimo esforço dos(as) educadores(as) da fé. O DNC, numa expressão bastante restritiva, diz que tal ministério “pode ser conferido oficialmente”; ou seja, é uma decisão das Igrejas particulares, avaliadas as próprias circunstâncias.<sup>4</sup>

### 3. UM “MOTU PROPRIO” PAPAL PARA OS CATEQUISTAS

“[...] o Espírito Santo nunca deixa faltar à sua Igreja [...] o apoio necessário para tornar concreto o ministério de catequista para o crescimento da própria comunidade” (*Antiquum Ministerium*, n. 11a).

O papa assina a breve, mas preciosa Carta Apostólica MPAM, com a qual institui o ministério de catequista, com estas palavras:

<sup>4</sup> Na nota 4 do texto, o DNC dá a entender que o Diretório Geral para a Catequese, no n. 50, não aprovaria a “instituição formal do ministério da catequese”. Entretanto, números mais à frente (n. 231-245), admite que alguns membros da comunidade, reconhecidos em sua tarefa catequética, podem receber oficialmente da Igreja a delicada missão de transmitir a fé no seio de comunidade.

“Dado em Roma, junto de São João de Latrão, na memória litúrgica de São João de Ávila, presbítero e doutor da Igreja, dia 10 de maio do ano de 2021, nono do meu pontificado”.

No momento culminante do documento, saboreamos estas suas palavras: “Assim, depois de ter ponderado todos os aspectos, em virtude da autoridade apostólica, *instituo o ministério laical de catequista*” (MPAM 8c).

### 4. BREVE, MAS CONSISTENTE ESTRUTURA


Podemos dividir o documento em quatro partes:<sup>5</sup>

**1ª) Fundamentação (n. 1-2).** O MPAM é evangelicamente genuíno, pois suas raízes se fincam no Novo Testamento, no qual se fala de “mestres” que refletem as múltiplas expressões da ministerialidade da Igreja como diaconia indispensável *de e para* a comunidade cristã. Desde os primórdios, eram os batizados que – de forma organizada, permanente e encarnada – transmitiam os ensinamentos de Jesus, favorecendo com esse carisma a fecunda missão evangelizadora da Igreja.

**2ª) Breve apresentação histórica (n. 3).** Em breve apresentação histórica, o papa demonstra que a catequese foi uma ação “historicamente eficaz”. A história da Igreja é testemunha da eficácia da missão de inúmeros catequistas. Bispos e presbíteros, religiosos e religiosas, mas sobretudo uma multidão de leigos e leigas que, com fé e ousado testemunho de vida, foram corajosos e constantes anunciadores do Evangelho.

Com efeito, ao longo dos séculos e ainda hoje, em vários países, na falta de presbíteros, a fé manteve-se viva graças à coragem de

<sup>5</sup> Proposta apresentada por Abimar Moraes e Antonio Francisco Lelo numa *live* sobre a *Antiquum Ministerium* organizada pelo Núcleo de Catequese Paulinas (Nucap) em 1º de junho de 2021.



*“A história da Igreja é testemunha da eficácia da missão de inúmeros catequistas.”*

muitos pais, mães e catequistas que dedicaram e, muitas vezes, sacrificaram a própria vida nessa missão. No entanto, em nossos dias, a participação, o reconhecimento e a plena valorização dos leigos e leigas tornam-se mais urgentes e, muitas vezes, são considerados uma necessidade premente diante dos desafios que a atual sociedade secularizada apresenta à evangelização (TORNIELLI, 2021, p. 5).

**3ª) Evolução pós-concílio do ministério laical (n. 4-8b).** As intuições catequéticas que surgiram das reflexões conciliares permitiram frutificar, em toda a Igreja, a consciência da vital importância do laicato na evangelização, tanto no nascimento de novas comunidades cristãs quanto no seu desenvolvimento.

O ensinamento sucessivo do magistério sobre a catequese pôs em evidência a importância da iniciação das pessoas na vida cristã e a formação dos catequistas. De fato, os vários pontífices destacaram o papel central dos catequistas nesse processo. As raízes desse ministério não residem no sacramento da ordem, mas no batismo e na confirmação do povo de Deus, e se nutrem da teologia e da eclesiologia do Vaticano II.

O MPAM é eclesialmente laical, pois destaca a ação do Espírito Santo no chamamento de leigos e leigas ao serviço catequético, impulsionados a reavivar a importância da missão em favor da comunidade, saindo ao encontro dos que se sentem atraídos pela bondade de Deus revelada em Cristo Jesus. Portanto, a característica eclesial do ministério do catequista é sua peculiaridade missionária; a capacidade de situar-se na família e na sociedade, agindo no interior delas como levedura do Reino, construindo redes de comunhão eclesial (PAPEL..., 2021, p. 4). Esse chamado laical deverá ser apoiado pelos pastores, para continuado aprendizado e enriquecimento da vida.

**4ª) Duas disposições concretas (n. 8c-11).** A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos providenciará a publicação do Rito de Instituição do Ministério Laical de Catequista. Além disso, as conferências episcopais tornarão realidade esse ministério, estabelecendo o *percurso formativo* necessário e os *critérios normativos* para o acesso a ele, encontrando as *formas mais coerentes* para o serviço que essas pessoas serão chamadas a desempenhar (MPAM 8c; 9).

Certamente nem todos os catequistas estarão – num primeiro momento – em condições de assumir “estavelmente” o ministério da catequese. Contudo, como em outros ministérios eclesiais, as pessoas instituídas serão um sinal da força e da estabilidade que a catequese adquiriu nestes tempos com a fecunda ação dos leigos e leigas.

## **5. CATEQUISTAS ANIMADOS PELO AMOR E ARDOR DO ESPÍRITO SANTO**

“O catequista é testemunha da fé e guardião da memória de Deus” (*Directório para a Catequese*, 113a).

A instituição de um ministério por parte da Igreja torna evidente que a pessoa investida daquele carisma vai desempenhar autêntico serviço eclesial à comunidade cristã, para seu crescimento e para o testemunho de fé. Por conseguinte, a instituição de um ministério laical não visa “clericalizar o leigo”; muito pelo contrário, visa impedir o regresso do clericalismo, tantas vezes denunciado pelo papa Francisco, que com frequência lembra o papel profético do povo santo de Deus (TORNIELLI, 2021, p. 5).



O MPAM insiste na laicidade do ministério catequético, que “não deriva da hierarquia” nem é “substituto do clero”; em vez disso, brota da peculiar condição batismal dos catequistas para cumprir específica missão, longe de qualquer clericalismo: transmitir o conjunto da fé e introduzir na vida cristã as pessoas que o desejarem (FISICHELLA; TEBARTZ-VAN ELST, 2021). Isso é atualmente imprescindível diante dos desafios que enfrenta o destemido anúncio do Evangelho numa cultura globalizada e consumista, reclamando criativa metodologia que introduza na fé cristã adultos, jovens e adolescentes.

## 6. ALGUNS TEMAS SIGNIFICATIVOS DO MPAM

### 6.1. Um ministério a serviço da Palavra

Essa prerrogativa já foi apresentada na profética encíclica de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* (8/12/1975), assim como na exortação do papa João Paulo II *Catechesi Tradendae* (16/10/1979), fruto das reflexões do Sínodo de 1977, o primeiro a tratar do tema da catequese pós-conciliar. Também Bento XVI, na *Verbum Domini*, diz que, na Igreja, é a catequese que deve ajudar a descobrir sempre a centralidade da Palavra de Deus; ou seja, se na Igreja a catequese não é tudo, tudo na Igreja tem necessidade da catequese (VD 74). No Brasil, essa dimensão aparece no *Diretório Nacional de Catequese* (2006), n. 107 e 245, e no estudo *Ministério do Catequista* (coleção Estudos da CNBB, n. 95 – 1/1/2008), entre outros.

É muito bom que a Igreja reconheça no ministério da Palavra a vocação dos catequistas e que consigne esse papel na vida das paróquias, uma vez que, embora saibamos que os pais são (ou deveriam ser) os primeiros educadores na fé, é evidente que hoje o papel dos catequistas ocupa lugar destacado na transmissão da fé dos interessados em seguir Jesus (PAPEL..., 2021, p. 4).

### 6.2. Reconhecimento de uma vocação

O papa Francisco insiste que *a catequese é uma vocação*: dom do Espírito Santo. O catequista, por meio do batismo e da confirmação, é chamado a anunciar o Evangelho. Certamente, com adequada qualificação e continuada formação. Isso evidencia que a formação dos catequistas exige uma atenção particular, pois a qualidade das respostas pastorais está necessariamente ligada às pessoas que as põem em prática. Ademais, exige que as Igrejas particulares dediquem energias e recursos adequados à formação dos catequistas (DC 130c). Por isso, a instituição do ministério catequético implicará, sem dúvida, “certa estabilidade”, ou seja, peculiar dedicação ao testemunho evangélico com “eclesial instituição” e “qualificadas competências”: bíblico-teológica, antropológico-cultural, pedagógica e metodológica (DC, cap. IV, n. 130-156).

### 6.3. Importância do ministério dos catequistas para a Igreja

O *motu proprio* indica com clareza que o primeiro catequista é o bispo, pastor da diocese, o qual conta com os presbíteros, diáconos e leigos como seus colaboradores no serviço catequético. Isso quer dizer que a ação catequética *não é um agir em nome próprio*; os batizados e os ordenados são enviados pela Igreja. Por conseguinte, os ministérios devem *criar e visibilizar* uma comunhão que alimenta a comunidade eclesial.

Cabe, então, aos catequistas não desanimar, pois a Igreja reconhece todo o trabalho que realizam. Além disso, de alguma maneira, eles estão adquirindo e celebrando a “independência e liberdade” na ação catequética, porque possuem “a autoridade se fazendo pequenos”; isto é, servidores que estabelecem diálogo fecundo com a realidade, deixando que o Espírito siga soprando com força (CON UNA MISA..., 2021).

Enfim, todos na Igreja receberam, com alegria, a notícia desse MPAM, pelo qual se institui o ministério de catequista. Será, decerto, um marco na história da catequese. Os catequistas – em sua maioria, mulheres cheias de dedicação e esmero – merecem esse reconhecimento. Realizam um trabalho voluntário com amor, seguindo os passos do mestre Jesus. Almejamos que o ministério instituído ajude a melhorar a qualidade da formação dos nossos educadores na fé e a valorizar seu ministério na comunidade eclesial missionária (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA DA CNBB, 2021, p. 9).

vp

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Patrick. Ministérios leigos instituídos na Igreja. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 284, p. 4-5, mar./abr. 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA DA CNBB. Comentário. In: FRANCISCO, Papa. *Antiquum Ministerium*: Carta Apostólica em forma de “motu proprio” pela qual se institui o ministério de catequista. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: CNBB, 2021. (Documentos Pontifícios, n. 48.)
- CON UNA MISA, los catequistas agradecieron el *motu proprio* del papa. *Aica*, 28 mayo 2021. Disponível em: <<https://aica.org/imprimir-noticia.php?id=48312>>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, 84.)
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese (DGC)*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1998.
- ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- FISICHELLA, Lino; TEBARTZ-VAN ELST, Franz-Peter. *Presentazione della Lettera Apostolica in forma di “Motu Proprio” di papa Francesco Antiquum Ministerium con la quale si istituisce il ministero di catechista*, 2021. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/05/11/0288/00624.html>>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- FRANCISCO, Papa. *Antiquum Ministerium*: Carta Apostólica em forma de “motu proprio” pela qual se institui o ministério de catequista. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: CNBB, 2021. (Documentos Pontifícios, n. 48.)
- LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2006.
- LÓPEZ, Vidal Rodríguez. Catequista: la novedad de un ministerio antiguo. *Religión Digital*, 30 mayo 2021. Disponível em: <[https://www.religiondigital.org/vida-religiosa/Catequista-novedad-ministerio-antiguo\\_0\\_2343965587.html](https://www.religiondigital.org/vida-religiosa/Catequista-novedad-ministerio-antiguo_0_2343965587.html)>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- PAPEL central na transmissão da fé. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, n. 20, 18 maio 2021.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese (DC)*. São Paulo: Paulus, 2020.
- PRETE, Benedetto. *Nuovi studi sull'opera di Luca: contenuti e prospettive*. Torino: Elledici, 2002.
- TORCIVA, Carmelo. *Teologia della catechesi: l'eco del kerygma*. Torino: Elledici, 2016.
- TORNIELLI, Andrea. Um serviço com raízes antigas que olha para o futuro. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, n. 20, 18 maio 2021.

Leandro Francisco Pagnussat\*



\*Pe. Leandro Francisco Pagnussat é presbítero da diocese de Goiás. Possui mestrado em Catequese pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. É doutorando em Catequese pela mesma universidade. E-mail: leandropagnusat@hotmail.com



# Formação cristã e mistagogia nos documentos do Concílio Vaticano II

*O artigo apresenta, como objetivo principal, aprofundar a natureza e a tarefa (epistemologia) da catequese e da mistagogia como processo de educação da fé e da formação para a vida cristã. A reflexão sobre a mistagogia e a formação cristã tem relação muito íntima e profunda com o ser Igreja de cada batizado e sua vocação no mundo.*

## INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II impulsionou a renovação da catequese na Igreja, de modo geral, quando foi capaz de apresentar, por meio das suas reflexões, a inspiradora renovação litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*); nova ótica da dimensão missionária da Igreja (*Ad Gentes*); renovada compreensão da Igreja como sacramento de salvação e comunidade povo de Deus (*Lumen Gentium, Gaudium et Spes*); nova compreensão teológica da revelação e da fé (*Dei Verbum*); e, sobretudo, a virada antropológica, considerando a pessoa no seu contexto socio-cultural, já que ela, com sua liberdade, é o centro da virada catequética.

Na origem do movimento que promoveu a renovação catequética está a reflexão acerca da orientação pedagógica e antropológica, educativa e psicológica no processo do *fazer* da catequese. Já a segunda etapa dessa renovação esteve sob a influência da teologia da revelação, a partir das reflexões de Karl

Barth (BARTH, 1974) e do Movimento Querigmático, que apresentaram elementos fundamentais para o desenvolvimento e a compreensão da catequese e da mistagogia. Tudo isso favoreceu nova compreensão da *epistemologia*, da *práxis* catequética e da *mistagogia* da vida cristã.

## 1. A FORMAÇÃO CRISTÃ NA CATEQUESE CONCILIAR

O processo de *aggiornamento* eclesial promovido pelo Vaticano II redescobriu a categoria de *mistério*. Esse termo é usado na constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG) ao afirmar que a Igreja é, em Cristo, sacramento ou *mistério* da união íntima com Deus (LG 1). Nessa perspectiva, o Concílio compreende a ação eclesial à luz da apresentação da centralidade do mistério de Cristo e da compreensão de vida cristã fundamentada nesse mistério, o que influencia diretamente na forma de conceber os elementos constituintes de sua *ação educativa* e da *formação*

“O CONCÍLIO COMPREENDE A AÇÃO ECLESIAL À LUZ DA APRESENTAÇÃO DA CENTRALIDADE DO MISTÉRIO DE CRISTO E DA COMPREENSÃO DE VIDA CRISTÃ FUNDAMENTADA NESSE MISTÉRIO.”



*cristã*. O termo remete primeiramente a Cristo: ele é o *mistério* (LG 3). Essa expressão, na práxis pastoral, designa a vida de Jesus, comunicada por meio dos sacramentos. Consequentemente, *tornar-se cristão* é participar desse mistério e comprometer-se com ele. Isso requer uma mudança de vida, a qual é fruto da *experiência* e se dá numa preparação realizada mediante uma *pedagogia da fé*.

O Concílio, ao indicar a iniciação cristã (AG 14; CD 14) como proposta formativa, situa-a em relação à perspectiva mistagógica. Um fundamental objetivo da iniciação cristã é introduzir a pessoa no *mistério* de Jesus Cristo, o que, por sua vez, exige uma interação entre *fé e vida* – conforme já insistia o documento *Catequese Renovada* (CR 110–116) –, capaz de conduzir verdadeiramente para a vida cristã. Então, é bom chamá-la de *iniciação à vida cristã* (IVC). Conforme V. Angiuli, por mistagogia se compreende a ação educativa da *Ecclesia Mater*, cuja tarefa é introduzir e acompanhar o crente que deseja viver inspirado na vida de Cristo. Portanto, a educação e a formação cristã são um acompanhamento mistagógico (ANGIULI, 2010, p. 45) que tem por objetivo levar “a catequese a se configurar sobretudo como serviço educativo e formativo, cuja tarefa é o desenvolvimento da personalidade cristã dos indivíduos e da comunidade” (MEDDI, 2017, p. 65, tradução nossa). Trata-se de verdadeiro processo de acompanhamento do batizado.

### 1.1. Gravissimum Educationis

A Declaração *Gravissimum Educationis* (GE), no parágrafo número dois, apresenta três afirmações que revelam o pensamento da

Igreja com relação à formação dos cristãos: a natureza da educação cristã, sua tarefa e sua responsabilidade eclesial. Isso implica favorecer “a visão de educação cristã e da catequese como dimensão pastoral que habilita à vida batismal ao longo do desenvolvimento das tarefas evolutivas da pessoa” (MEDDI, 2019, p. 413, tradução nossa). Compreende-se, desse modo, que a natureza da educação cristã está enraizada no batismo. Com base nisso, GE 2 define cinco dimensões da educação cristã: conhecimento do mistério da salvação; consciência do dom da fé; adoração da Trindade; coerência de vida; empenho na transformação do mundo. Essas são expressões da renovada visão de vida cristã que o Concílio indica que o batizado deve assumir em seu processo formativo.

Dessa forma, supera-se a perspectiva intelectualizada da educação cristã e assume-se o que é expresso em LG 35, ao tornar evidente a visão de vida cristã baseada no *exercício* das competências batismais, nas quais se incluem os leigos, chamados a testemunhar a fé e a esperança com a força e o brilho do Evangelho em sua vida cotidiana, familiar e social. Isso mostra que a educação dos cristãos, por meio da catequese, consiste na habilitação ao *exercício* da vida cristã, com os dons e compromissos ligados ao batismo, os quais, por sua vez, vão além da pura educação religiosa, mas estabelecem o diálogo entre maturidade humana e maturidade cristã.

Ao assumir essa perspectiva, conforme L. Meddi, três elementos precisam ser considerados: 1) a *natureza teológica da educação cristã*, que faz referência ao batismo e indica duas finalidades: realizar a redenção na pessoa e

gerar participação nas *Tria Munera*, ou seja, nas três grandes funções de quem é batizado (sacerdote, profeta e rei); 2) a *tarefa da educação cristã*, para compreender que o batizado pertence à dimensão humana e redentora. Assim, a GE apresenta uma perspectiva gradual de iniciação, ou seja, verdadeira perspectiva mistagógica do batismo, com a dedicação dos batizados a Deus implicando o direito a uma formação com caráter de instrução, participação e consciência do seu ser em Cristo; 3) a *necessidade da educação cristã*, que, nessa lógica, é assumida como *pedagogia do exercício* da vida cristã (MEDDI, 2019, p. 444-445). Nesse caso, as *Tria Munera* devem ser coligadas com o *seguimento* de Cristo e sua *práxis* messiânica, como sugerem GS 22 e 41.

Aqui, apresenta-se eficaz definição de mistagogia, porque expressa, de modo apropriado, os elementos essenciais da *práxis* mistagógica: a centralidade do mistério de Cristo, a nova condição daquele que é introduzido no mistério, a necessidade de *progredir* no conhecimento e *experiência* do mistério, a necessidade do *testemunho*, com a marca de credibilidade, diante do mundo. Portanto, o texto conciliar afirma que, no “desempenho da sua tarefa educacional, a Igreja interessa-se, em primeiro lugar, pela *formação catequética*” (GE 4).

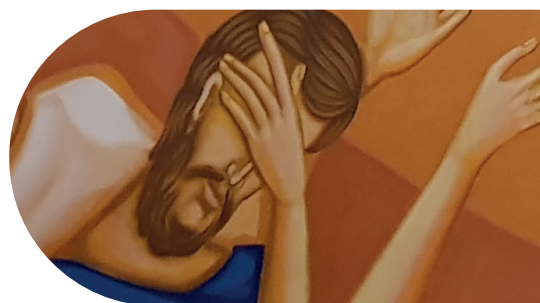
Para concluir, da finalidade da catequese, apresentada pela GE, emergem duas indicações: em primeiro lugar, a fé é compreendida não somente como algo a ser conhecido, mas sobretudo como algo a ser *interiorizado*; em segundo, a catequese é chamada a assumir

uma perspectiva mistagógica, na qual sua *tarefa* se define como *ensino e acompanhamento* do batizado. O texto conciliar de GE 2, juntamente com os textos de CD 14 e AG 14, reconhece que o instrumento principal da formação dos cristãos é a catequese realizada na comunidade cristã. Dessa forma, conforme a interpretação da GE, a natureza da catequese é *iniciação* ao *exercício* da vida cristã, seu *acompanhamento* e *habilitação* em comunidade.

## 1.2. Christus Dominus

O segundo texto do Concílio que aborda a dimensão da formação cristã está no Decreto *Christus Dominus* (CD). O número 14 trata primeiramente da finalidade da *institutio catechetica*, que, “pelo ensino da doutrina, deve tornar a fé viva, explícita e prática”. Na tradução do latim, a expressão *institutio catechetica* foi assumida como “formação catequética”. *Institutio*, derivado do latim, significa ensinar, educar e instruir. Para Luiz A. de Lima, seu sentido primeiro deve ser mesmo *instituição*, uma vez que, se tal significado fosse mantido, a catequese poderia ser considerada, na Igreja, como verdadeira *instituição eclesial*. Com a proposição do Vaticano II, seria muito mais eficaz “instituição” do que simplesmente “instrução” (LIMA, 2016, p. 77).

O referido decreto, no número 14, ao usar a expressão “tornar a fé viva, explícita e prática”, está em concordância com seu número 30, que confirma que “a catequese deve conduzir os fiéis ao pleno conhecimento



“A EDUCAÇÃO DOS CRISTÃOS, POR MEIO DA CATEQUESE, CONSISTE NA HABILITAÇÃO AO EXERCÍCIO DA VIDA CRISTÃ, COM OS DONS E COMPROMISSOS LIGADOS AO BATISMO.”

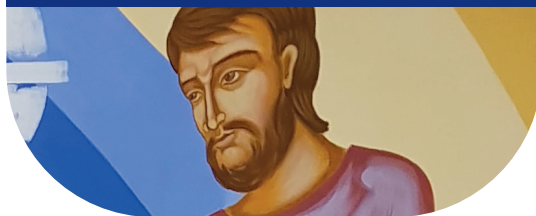


do mistério de salvação”. Isso implica uma mudança paradigmática, a fim de compreender não só que a catequese é mais que um aprendizado baseado em afirmações e verdades abstratas, mas também que sua principal tarefa está em *educar* e *iniciar* uma vida de fé, o que requer uma *experiência vital* capaz de orientar a vida na direção do testemunho do Evangelho. Considera-se, ainda, que a fé deve ser cultivada por meio de processos pedagógicos que valorizem fundamentalmente a capacidade de recepção dos interlocutores e sua realidade cotidiana sociocultural.

A atenção volta-se também para os destinatários. Essa perspectiva aponta para a superação da visão tradicional de catequese somente direcionada às crianças e aos jovens, propondo a catequese com os adultos. Tal movimento indica a revisão do método da catequese que o Concílio assume como modelo de toda a catequese e como fonte de inspiração (DC 61–65): o catecumenato batismal (DGC 59). O texto conciliar recomenda que a formação cristã cuide para que o ensino seja dado segundo a ordem e o método que considerem o “desenvolvimento, capacidade, idade e condições de vida de quem ouve”. Com isso, quer indicar a necessidade da contribuição das ciências pedagógicas e da psicologia para o processo educativo da fé e da formação cristã.

O texto do Concílio afirma que o ensino da catequese se baseia na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja. A primeira fonte indicada é a Palavra de Deus; as seguintes, como a Tradição, a liturgia, o magistério, tornam *evidentes* a experiência da vida comunitária: sua história, a ação comunicativa, o ensino e o testemunho comunitário. Portanto, o que está em jogo não é o aprendizado baseado na doutrina, mas uma educação capaz de *integrar fé e vida*, conduzindo para uma experiência vital que provoque adesão à Pessoa de

“A GRANDE VIRADA DO CONCÍLIO  
ESTÁ EM DEFINIR O VALOR DO  
CATECUMENATO EM RELAÇÃO À  
RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA  
DA IGREJA DE INICIAR AS PESSOAS  
NA VIDA CRISTÃ. ”



Jesus de Nazaré. Nesse caso, CD 14 introduz o tema da catequese *como formação da vida cristã*. Desse modo, surgem as indicações da renovação da finalidade da catequese, que deve ter como objetivo principal direcionar esforços para a questão formativa da *resposta e interiorização* da fé do batizado.

### 1.3. Ad Gentes

O terceiro texto conciliar sobre a catequese encontra-se no Decreto *Ad Gentes* (AG), mais especificamente no número 14. Nele encontramos o mandato para recuperar o catecumenato, dando como motivação a necessidade da construção da personalidade cristã. O texto conciliar afirma que o catecumenato “não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo, seu Mestre”. Dessa forma, compreende-se que os catecúmenos não são somente instruídos, mas *instituídos*, isto é, *formados* na vida cristã. O texto conciliar trata o catecumenato como *institutio* e *tirocinium*.

Com o uso das expressões *institutio* e *tirocinium*, a catequese, nas reflexões conciliares, ganha uma interpretação altamente inovadora. Com efeito, além de compreender a catequese como *formação* e *aprendizado* da vida cristã, o Concílio apresenta-a como sistema educativo e processual com caráter *permanente*. A inovação do texto conciliar envolve dois importantes aspectos: primeiro,

em relação ao tempo, vê-se que já não é definido somente com base na aquisição de informação; segundo, em relação à vida cristã, indica a dimensão batismal que inspira o ato formativo.

O documento menciona o termo “discípulo”, que implica *consciência, decisão e liberdade interior*, elementos necessários para a formação cristã. Considera-se que AG 14, ao propor a formação cristã nessa ótica, quer ir além dos quatro tempos e três etapas propostos pelo catecumenato antigo, sintonizando com a proposta de GE 2, como *exercício, habilitação e acompanhamento*. Portanto, a grande virada do Concílio está em definir o valor do catecumenato em relação à responsabilidade missionária da Igreja de iniciar as pessoas na vida cristã. Com isso, o Vaticano II apresenta o catecumenato como um modelo pastoral para toda a ação evangelizadora, estabelecendo-o como paradigma para a formação cristã e evidenciando seu profundo vínculo com a catequese à luz da atividade missionária da Igreja. Por isso, a catequese deve ser compreendida para além do ato de *instruir*, pois tem a tarefa de *instituir*, ou seja, *formar e iniciar* o batizado na vida cristã, que vai além da simples explicação dos sacramentos ou de uma catequese litúrgica.

Nesse sentido, todo o dinamismo da catequese solicitado pelo Vaticano II precisa ser pensado como um processo de educação cuja finalidade são as experiências típicas da fé: a *vida comunitária*, a *oração* e o *testemunho*. Para isso, é necessário que a catequese não seja confundida com catecismo, mas recupere o conceito e a *práxis* do catecumenato para se tornar uma experiência, em determinado local, caracterizada pela formação da personalidade cristã ou pela capacidade de *tirocínio* ou *aprendizado* global da fé. Logo, o catecumenato deve ser compreendido como um *tirocinium/experiência* rumo ao discipulado de Cristo. Nesses termos, a finalidade principal da catequese consiste em sustentar

a resposta da fé até sua maturidade, como afirma o *Diretório para a Catequese* (DC) de 2020: “educando para uma mentalidade de fé conforme o Evangelho, até que eles gradualmente passem a sentir, pensar e agir como Cristo” (DC 77).

AG propõe que os destinatários sejam os catecúmenos, que, por meio de uma formação cristã e aprendizagem adequada, devem se tornar “discípulos” de Cristo. Enquanto o objetivo de CD é uma fé iluminada, viva, explícita e operosa, o objetivo apontado por AG é viver, formar e habilitar, iniciar a vida cristã, para que assuma a dimensão missionária do batismo. Se o método apontado por CD é a fidelidade a Deus e ao ser humano, o método proposto por AG inclui o tirocínio, o aprendizado, o catecumenato, o conhecimento da história da salvação e a experiência da vida cristã, os quais, por sua vez, favorecem a compreensão de que toda a comunidade cristã e a diversidade de ministérios se tornam sujeitos ativos do processo formativo cristão. Nesse caso, é tarefa da catequese favorecer o surgimento e o desenvolvimento da vida de fé ao longo de toda a existência humana, até sua maturidade (Ef 4,13). Portanto, a mistagogia aqui se refere à finalidade da catequese e se desenvolve em relação à revelação e à elaboração da resposta da fé. Em outras palavras, compreendemos a mistagogia como exercício para a *transformação* da vida.

## 2. A MISTAGOGIA DA VIDA CRISTÃ

Conforme a *Gaudium et Spes* (GS), o mistério de Deus para nós se revela em Cristo Jesus. Com ele, “chave, centro e fim de toda a história humana” (GS 10), faz-se presente o mistério do *Reino de Deus*. Nos Evangelhos, Jesus está a serviço desse Reino, do qual é o Mediador absoluto e definitivo. Jesus de Nazaré, ao falar do Reino, chama-o de mistério (Mc 4,11; Mt 13,11; Lc 8,10). Por conseguinte, ser cristão é participar desse

mistério e comprometer-se com ele, o que requer uma mudança de vida, fruto de uma *experiência*.

Em uma perspectiva teológico-pastoral, a mistagogia é a obra por meio da qual o ser humano reconhece Deus presente e atuante em sua história, ou seja, reconhece-o como o sentido das experiências que são originais para ele. Sem uma experiência pessoal de mistério, não é possível, hoje, alguém se dizer cristão. Em uma perspectiva catequética, L. Meddi define a tarefa da catequese como *formação* da personalidade cristã e *habilitação* da vida cristã, o que implica duas observações: “a reconsideração da pessoa como realidade *espiritual* (e não somente psicossocial) e a necessidade de repensar a catequese como *mistagogia* da vida cristã” (MEDDI, 2018, p. 19, tradução nossa). Repensar a mistagogia nessa direção exige que ela seja capaz de desenvolver na pessoa a capacidade de *resposta e exercício* da vida cristã.

Ao redefinir o lugar e a tarefa da mistagogia, “não podemos continuar a pensar a *mistagogia* como conclusão ou consequência do catecumenato. Ela é o *núcleo específico do catecumenato*. Em uma autêntica pastoral missionária, o catecumenato é a *mistagogia* da fé e da vida cristã” (MEDDI, 2018, p. 100, tradução nossa), a qual deve ser entendida como a *tarefa específica do processo catecumenal*.

A mistagogia, segundo W. Kasper, “significa acompanhamento para descobrir o mistério já presente em cada experiência de vida, para buscar Deus, que não se acrescenta, por assim dizer, ao exterior e como complemento da nossa vida, mas já está presente nela, permanecendo sempre aquele que deve vir” (KASPER, 2009, p. 340, tradução nossa). Ao integrar todas as dimensões da vida de uma pessoa, possibilita-se o surgimento da identidade cristã como um princípio fundamental do processo mistagógico. Isso acontece porque,

ao viver esse processo, “é dado um tempo para descobrir, experimentar, construir as relações que constituem a identidade cristã e, conjuntamente, para iniciar e agir em novidade de vida segundo o dom sacramental recebido ou celebrado com maior consciência e liberdade evangélica” (NO-CETI, 2015, p. 39, tradução nossa).

A formação cristã é o acompanhamento mistagógico na perspectiva da educação integral do ser humano para ser introduzido, de maneira gradual, no mistério. Assim, toda a vida cristã é um grande caminho mistagógico que comporta o desenvolvimento e a assimilação progressiva dos dons recebidos em um contexto eclesial e vital capaz de fazer crescer e amadurecer na fé. Compreendemos que a mistagogia vai além da explicação dos significados do mistério pascal. É *participação* no projeto de Deus, *na* história e *para* a história, realizada na ação sacramental-ritual da Igreja.

## CONCLUSÃO

Diante disso, ao propor o termo mistagogia da vida cristã, afirmamos que ela mesma, a *vida cristã* vivida em plenitude, por analogia, é sinal visível de uma realidade invisível. Trata-se de acolher o mistério na vida cotidiana e desenvolver a capacidade de provocar na pessoa a elaboração de autêntica



“A FORMAÇÃO CRISTÃ É O ACOMPANHAMENTO MISTAGÓGICO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO PARA SER INTRODUZIDO, DE MANEIRA GRADUAL, NO MISTÉRIO.”



resposta para a proposta cristã. A mistagogia cristã assume a tarefa de levar a todos o Sermão da Montanha e a vida cotidiana de Jesus (Mt 5,1-12; Lc 6,20-23). O objetivo da mistagogia, portanto, não é explicar os efeitos dos sacramentos. É preparar para que sejam vividos, promovendo a transformação da existência de cada cristão e, por consequência, a transformação da sociedade. É a habilitação ao exercício da vida cristã. É um processo formativo, porque não está centrado sobre os horizontes de sentido, mas sobre a capacidade de identificar Deus na vida de cada um e pormo-nos a seu serviço como testemunhas e missionários. **VP**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGIULI, Vito. *Educazione come mistagogia: un orientamento pedagogico nella prospettiva del Concilio Vaticano II*. Roma: CLV, 2010.
- BARTH, Karl. *L'epistola ai Romani*. Milano: Feltrinelli, 1974.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Gravissimum Educationis: Declaração sobre a educação cristã*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Ad Gentes: Decreto sobre a atividade missionária da Igreja*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html)>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Christus Dominus: Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_christus-dominus\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html)>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- KASPER, Walter. Tornare al primo annuncio. *Il Regno*, doc. 11, p. 336-343, 1 giug. 2009.
- LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2016. (Marco Conciliar.)
- MEDDI, Luciano. Gravissimum Educationis. In: NOCETI, S.; REPOLE, R. (Org.). *Commentario ai documenti del Vaticano II: Perfectae Caritatis, Apostolicam Actuositatem, Gravissimum Educationis*. Bologna: EDB, 2019. v. 7.
- \_\_\_\_\_. Il processo di interiorizzazione della fede. *NPG-Note di Pastorale Giovanile*, Roma, n. 32, p. 33-52, 1998.
- \_\_\_\_\_. *La catechesi oltre il catechismo: saggi di catechetica fondamentale*. Vaticano: Urbaniana University Press, 2018.
- \_\_\_\_\_. L'itinerario della fede, oltre il catechismo. In: \_\_\_\_\_. *La catechesi oltre il catechismo: saggi di catechetica fondamentale*. Vaticano: Urbaniana University Press, 2018.
- NOCETI, Serena; MARGUERI, Filippo; SARTOR, Paolo. *Mistagogia: vivere da cristiani nella comunità*. Bologna: EDB, 2015.
- PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE. *Diretório per la Catechesi (DC)*. Milano: San Paolo, 2020.
- SACRA CONGREGAZIONE DEL CLERO. Direttorio Generale per la Catechesi (DGC). SANTA SEDE. *Enchiridion Vaticanum*. Bologna: Dehoniane, 2001. v. 16, p. 608-1011.

## João dos Santos Barbosa Neto\*

\*Pe. João dos Santos Barbosa Neto, salesiano, licenciado em Filosofia (UCDB/MS), bacharel em Teologia (UPS/Itália), pós-graduado *lato sensu* em Counseling (lates/PR), pós-graduado *lato sensu* em Psicopedagogia (UCDB/Portal Educação), mestre em Teologia Pastoral (UPS/Itália) e doutor em Teologia Pastoral (UPS/Itália). Professor da Università Pontificia Salesiana em Roma. E-mail: joaoneto@missaosaesiana.org.br







# Catequese mistagógica de discernimento juvenil

*A vocação à vida cristã é um chamado para encontrar-se com uma Pessoa, fazer experiência e aprofundar os conhecimentos. A catequese mistagógica fomenta a integração desses eixos (vivência experiencial e conteúdos doutrinários) que constituem a base fundamental de uma autêntica vida cristã, permitindo, assim, a formação integral da pessoa inserida conscientemente no mistério do qual participa.*



## Introdução

Atualmente, a base fundamental para a formação da identidade dos jovens (a família, a cultura, a religião, as interações com os contemporâneos...) se encontra em crise, o que conseqüentemente os expõe ao risco de viver uma vida vazia de sentido e de valores profundos. Isso ocorre porque, na sociedade, as situações se modificam antes que o agir do ser humano se transforme em hábito, e desse modo nem mesmo a sociedade é capaz de conservar sua própria forma e permanecer em determinado caminho por muito tempo (BAUMAN, 2009, p. 7).

O atual contexto apresenta grande confusão de princípios, de sentido e de valores; os jovens percebem que esta sociedade carece de certezas essenciais, e isso causa neles profunda ânsia por valores e o receio de serem deixados sozinhos. Assim, é indispensável acolhê-los e prepará-los para um encontro com o Senhor, a fim de que possam entrar em intimidade com ele, fazendo uma experiência restauradora, que dá à vida novo rumo decisivo (CV 129).

Os jovens cristãos estão abertos à espiritualidade e são chamados a fazer uma síntese entre o que creem e o que vivem. A fé (aquilo que se crê) não pode ser qualquer coisa aérea, mas é encarnada, toca a vivência da pessoa; a virtude (aquilo que se vive) não é um *habitus*, mas exige um esforço pessoal em vista de determinado tipo de atitude.

Nessa situação vital, é necessário um bom discernimento, isto é, um “processo pelo qual a pessoa chega a fazer, em diálogo com o Senhor e escutando a voz do Espírito, as escolhas fundamentais a partir daquela sobre seu estado de vida” (SALA, 2017a, p. 11, tradução nossa). Assim, os jovens poderão realizar-se plenamente, amadurecendo suas convicções cristãs em um “caminho de liberdade que faz aflorar a realidade única de cada pessoa, aquela realidade que é tão sua, tão pessoal, que só Deus a conhece” (CV 295).

## 1. Educação para o agir livre e virtuoso

O processo educativo possui relevante e significativo valor na formação do sentido de uma vida plena que se revela por meio do encontro com Cristo. É necessário partir da própria pessoa para depois ativar os meios educativos que podem alcançar essas expectativas, a fim de que as experiências de fé e de amor cristão sejam acolhidas, vivenciadas e transmitidas de uma geração a outra, educando a pessoa com base em sua liberdade e capacidade de amar.

O educador deverá se aproximar do educando e, fazendo-se companheiro de caminhada, interpretar o projeto de Deus, ajudando-o em seu amadurecimento no caminho da Verdade. Ele deve procurar suscitar no educando o “desejo de ser si mesmo, procurando dentro de si o projeto inscrito no mistério da vida, descobrindo o dom de amor inserido no coração de cada um, dom que é projeto e chamado” (BIGNARDI, 2011, p. 45, tradução nossa).

A pessoa responde a esse chamado sublime de ser ela mesma assumindo com responsabilidade as próprias escolhas. Isso implica valorizar sua força de vontade interior para tomar decisões, de modo que, depois de cada escolha, a vida já não seja a mesma.

O fato de não conseguir tomar decisão pode ser revelador de certa imaturidade, uma vez que a pessoa “não consegue alcançar o sentido de segurança de decisão, pois não vê a si mesma como um ponto de referência de suas próprias ações” (CIONCHI, 1999, p. 109, tradução nossa).

*“Diante da liberdade da pessoa, o educador desempenhará o papel de um mestre que a conduz a tornar-se ela mesma no respeito daquilo que é, acompanhando, acolhendo, sustentando e propondo quando julgar necessário.”*

Portanto, torna-se urgente que ela aprenda a discernir, percorrendo o caminho da vida sem extinguir o Espírito Santo presente nela, e optar pelo belo, bom e verdadeiro em um mundo que relativiza e apresenta como válidas e boas todas as possibilidades (FRANCISCO, 2017).

Diante da liberdade da pessoa, o educador desempenhará o papel de um mestre que a conduz a tornar-se ela mesma no respeito daquilo que é, acompanhando, acolhendo, sustentando e propondo quando julgar necessário. O objetivo é fazer emergir uma pessoa madura, com adequada “capacidade de compreensão do próprio ser em seus diversos aspectos e características” (CIONCHI, 1999, p. 107, tradução nossa).

O progressivo amadurecimento da pessoa a conduz à essência da própria personalidade, promovendo “a unidade e integralidade do homem, isto é, a correspondência efetiva e concreta entre uma intenção interior e uma vida exterior” (CASOLE, 2011, p. 113, tradução nossa). Portanto, mesmo que a personalidade esteja em contínuo desenvolvimento no profundo do ser da pessoa, esta se demonstrará madura quando alcançar uma vivência em que responda responsabilmente por cada escolha que fizer.

Todavia, faz-se necessário um processo educativo, a fim de que a pessoa adquira gradualmente maior conhecimento da fé assumida. Essa consciência potencializará sua capacidade de tomar as decisões fundamentais, em vista de “ordenar a paixão e guiar a conduta segundo a razão e a fé” (CIC 1804).

A pessoa plasmada pelo encontro transformador com Cristo vive uma vida verdadeira e virtuosa, na medida em que se esforça, dando o melhor de si, para praticar e escolher o bem. Esse processo procura integrar no ser humano o ser cristão e seu agir virtuoso, evidenciando, assim, a virtude

## Catequese e Ecologia

Espiritualidade ecológica  
e catequese responsável

Érica Daiane Mauri / Luiz Alexandre  
Solano Rossi



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

A obra apresenta os desafios frente à atual crise socioambiental.

É preciso compreender a dimensão do cuidado e proteção como princípio da própria fé cristã, dinamizada por meio da espiritualidade ecológica e de uma catequese socialmente responsável.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

*“O ser humano paulatinamente molda a própria personalidade na de Cristo, que se torna referência e fundamento de uma vida virtuosa e origem de nova existência.”*

como atos e princípios vitais que estabilizam e sustentam a relação com Deus (COLZANI, 2007, p. 559).

A virtude forma o sujeito moral em seu próprio agir interior, a partir de sua experiência em se tornar uma pessoa boa, capacitando-a no cumprimento do bem que por si só individua, escolhe, determina e, por fim, pratica (CARLOTTI, 2016, p. 237). Agindo assim, o ser humano paulatinamente molda a própria personalidade na de Cristo, que se torna referência e fundamento de uma vida virtuosa e origem de nova existência.

Por isso, não se trata tanto de ensinar a virtude, mas de semeá-la, orientando a pessoa para hábitos que a façam interiorizar o bem, e não somente aplicar princípios de forma mecânica (MANTEGAZZA, 2019, p. 10). A pessoa poderá, então, realizar suas escolhas não por conveniência, mas por um critério de valor que ela reconhece como verdadeiro e como portador de felicidade.

A virtude é, então, a “disposição positiva no confronto do bem, uma conaturalidade que o faz aparecer como o bem mais verdadeiro” (GATTI, 2004, p. 4, tradução nossa) que a pessoa deseja realizar. Assim, a progressiva perseverança na vida virtuosa concede à pessoa maior compreensão da liberdade, do autocontrole, da consciência do bem e do domínio da vontade em seus atos (CIC 1731-1734).

## **2. A catequese mistagógica amadurece atitudes de engajamento**

Além da boa vontade da pessoa fascinada por Cristo em segui-lo, a Igreja julga necessário propor uma ação para “amadurecer a fé inicial e educar o verdadeiro discípulo

de Cristo mediante um conhecimento mais profundo e sistemático da pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo” (CT 19). Essa ação responde ao nome de catequese, que tem por objetivo “acompanhar aqueles que acolheram o chamado do Senhor a tornarem-se dia após dia discípulos seus” (BIGNARDI, 2011, p. 88).

O itinerário desse acompanhamento cobre todas as dimensões da pessoa e não há uma validade precisa, pois ela deve, com o passar do tempo, consolidar as próprias convicções e harmonizar as atitudes pessoais com as de Cristo. A Igreja ratifica essa ideia quando afirma que a catequese deve “promover o surgimento e o desenvolvimento da vida de fé durante toda a vida do ser humano, até o desdobramento total da verdade revelada e sua inserção na vida humana” (DCG 30).

Desse modo, o acompanhamento e a instrução realizados pelo catequista são destinados ao “crescimento pessoal, livre, interiorizado, a serviço de um válido projeto existencial, aberto aos valores e capaz de discernimento crítico” (ALBERICH, 1992, p. 100, tradução nossa). O ato de ensinar possui o risco de enfatizar demasiadamente a dimensão intelectual da pessoa, podendo, assim, não tocar seu coração e, consequentemente, não fazê-la sentir-se totalmente envolvida e inserida no plano amoroso de Deus.

A pessoa sabe que Deus a ama; no entanto, corriqueiramente, não consegue sentir esse amor nem em sua vida pessoal, nem em seu cotidiano. A fé torna-se uma filosofia de vida, uma ideia ou uma linha de chegada do bem-estar, já não um elemento de transformação de vida, capaz de gerar esperança.

Sendo assim, é urgente alcançar a centralidade da pessoa, tocar-lhe o coração, para acessar seu ser. É necessário que, depois do ensino doutrinal, a pessoa seja introduzida



no mistério celebrado, o que envolve “a purificação, a oração contemplativa, a união nupcial e a transformação amorosa em Deus” (PESENTI, 1998, p. 822, tradução nossa).

O catequista é chamado a agir não somente como anunciador, mas também como mestre de vida que, depois de haver apresentado o Senhor, seja capaz de promover o encontro pessoal entre o catequizando e Jesus Cristo. Nesse encontro, os horizontes da pessoa se abrem ao sentido de plenitude e totalidade, e ela não falará de Deus, mas a Deus, com o qual se sente em comunhão e diálogo.

A catequese, então, se tornará mistagógica, isto é, escola de vida e de espiritualidade, pois será centrada na compreensão espiritual do mistério celebrado, com enfoque na liturgia, e terá como fim uma vivência coerente e unitária da fé. O catequista desenvolverá o papel de acompanhante mistagógico: levará “os fiéis pela mão, conduzirá a uma experiência concreta do rito e, através do rito, os colocará em contato com Cristo” (CACUCCI, 2008, p. 9, tradução nossa).

É fundamental iniciar a pessoa na leitura contínua da Palavra, pois favorecerá a graça da unidade mediante o elo e a interdependência entre a vida, o mistério celebrado e a história da salvação. Por isso, é importante dar espaço à Escritura no encontro catequético, apresentá-la no contexto da história da salvação e, desse modo, redescobri-la na liturgia, nas fórmulas sacramentais e na homilia, a fim de que a pessoa possa entrar em comunhão consciente com tudo aquilo que é celebrado (CACUCCI, 2000, p. 31-32).

A intimidade com a Palavra fornece “aos fiéis um encontro com Jesus Cristo que se dá na realidade da própria pessoa humana, capaz de penetrar as dimensões mais profundas da vida” (BARBOSA NETO, 2016, p. 51). Assim, a pessoa enche-se de esperança, lê as situações de sua vida em perspectiva

bíblica e, em clima de oração, acolhe os sinais da ação contínua e providencial de Deus em sua história.

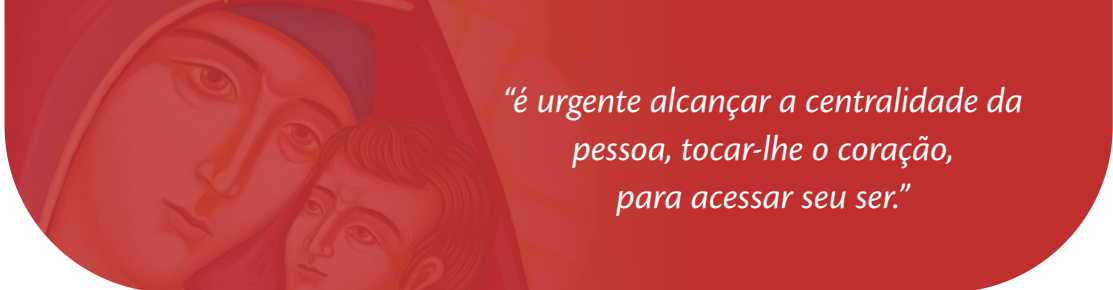
A liturgia merece uma atenção especial do catequista, por ser lugar privilegiado de encontro com Deus “por meio de ações e palavras sob os sinais visíveis que a sagrada liturgia utiliza, escolhidos por Cristo ou pela Igreja, significando realidades divinas invisíveis” (VALOR, 2016, p. 392, tradução nossa). Nesse percurso, o catequista auxilia o catequizando a aprofundar os mistérios celebrados, explicando os ritos, os sinais e os símbolos das celebrações litúrgicas, de modo a facultar-lhe fazer experiência, participando de forma ativa e consciente da liturgia.

A progressiva experiência de comunhão com Cristo provoca uma ação unitária e totalizante de todas as dimensões da pessoa, gerando uma vida nova, aberta a Deus, empenhada em viver esse dom em um caminho concreto em direção ao Senhor (COLZANI, 2007, p. 560). Nutrido pelo pão eucarístico e fortalecido pela Palavra, o cristão testemunha essa vida nova de comunhão com o Senhor, assumindo a Boa-nova do Reino como critério para tomar suas decisões.

### **3. O discernimento como estilo de vida**

A gradual compreensão do mistério torna a pessoa mais responsável na formação da própria personalidade, construindo-se segundo a intimidade da sua relação com Cristo e com base nas escolhas fundamentais realizadas. Desse modo, procura afirmar os valores, unir indagações e respostas, liberar desejos e sentimentos, determinando, a cada momento, a autenticidade da própria vida e das próprias convicções.

A pessoa em comunhão com Cristo encontra nele o sentido da própria existência, como fundamento sólido para construir e orientar a própria vida. Todavia, a perda de identidade,



*“é urgente alcançar a centralidade da  
pessoa, tocar-lhe o coração,  
para acessar seu ser.”*

relacionada a uma representação errônea, e a perda de uma presença social enraizada na realidade provocam confusão na pessoa e impedem o processo de distinção entre aquilo que é coerente com o sentido de vida proposto por Cristo e aquilo que não o é.

Não é nada fácil tomar decisões e orientar as próprias ações em situações de incerteza e diante de impulsos interiores contrastantes, por isso é necessário que a pessoa se volte a Jesus Cristo, encontre-o como Pessoa, para depois poder fazer sua opção fundamental (HERNÁNDEZ, 2017, p. 9). Desse modo, torna-se urgente ativar modalidades que ajudem a pessoa a reconhecer, nas situações de decisão, as opções que correspondam ao estilo de vida proposto por Cristo.

Importante modalidade para a tomada de decisão é o discernimento, atitude pela qual a pessoa ativa filtros que a levam a optar por escolhas condizentes com determinado estilo de vida. O discernimento fortalece no cristão a habilidade de “intuir o que vem de Deus e o que vem do maligno, esclarecer as diferenças sutis entre o bem e o mal, aprofundar a raiz e a origem do que se apresenta diante de nós e, finalmente, escolher com coragem o que é reconhecido como justo e santo” (SALA, 2017b, p. 2, tradução nossa).

O discernimento colabora no contínuo “vir a ser” pessoal, pois desenvolve “a capacidade do ser humano de colocar-se em uma atitude de busca diante das coisas da vida, portanto, a capacidade de saber valorizar as coisas, as pessoas, as situações e, enfim, de saber escolher o resultado do próprio discernimento” (MAZZINGHI, 2015, p. 65, tradução nossa). Essa atitude o torna mais consciente de si mesmo e, por conseguinte, mais livre e autônomo para orientar e conduzir a própria vida em vista da realização do sentido vital.

Isso pode ocorrer mediante a aptidão da pessoa em fazer a própria escolha em conformidade com as orientações profundas que a identificam e a unificam como cristã. Tais motivações profundas são iluminadas pela luz da relação estabelecida com Jesus Cristo, que permite à pessoa real experiência do amor de Deus, na qual redescobre a própria vida como dom que ninguém pode tirar (HERNÁNDEZ, 2017, p. 14).

Ela amadurece na busca pela vontade de Deus em sua vida, desenvolvendo maior consciência do sentido interior das coisas, a sabedoria de entender e a capacidade de fazer coincidir a forma com o conteúdo da escolha naquilo que é o bem em cada situação (BIANCHI, 2011, p. 11). Assim, a pessoa abre-se a uma meta alta de comunhão com o Senhor, na qual, sustentada pelo Espírito Santo, se empenha diariamente em realizar ações virtuosas a fim de que, paulatinamente, se tornem comportamentos e atitudes ordinárias de seu estilo de vida (MANTEGAZZA, 2019, p. 12).

O processo de discernimento terá como fim uma vida de integridade, isto é, uma vida mais autêntica e coerente, na qual a pessoa, atenta aos sinais da presença de Deus, torna-se capaz de reconhecer a voz dele na vida cotidiana. Para colaborar com esse objetivo, o papa Francisco sugere três importantes passos que qualificam o processo de discernimento: reconhecer, interpretar e escolher (EG 51).

Reconhecer refere-se à capacidade de nominar, sem julgar, todos os acontecimentos e emoções (paixão, tristeza, esperança, medo, alegria etc.) experimentados. Aqui o objetivo fundamental é escutar a Palavra do Senhor para abrir-se, pôr-se em relação com

ele, fazendo-a ressoar em todas as dimensões da vida e, assim, reconhecer e identificar a presença de Deus (BIANCHI, 2011, p. 11).

A interpretação é o exercício de colher a origem e o sentido dos desejos e das emoções, em um confronto honesto, à luz da Palavra, considerando também as exigências morais da vida. Da escuta profunda da Palavra nasce a fé, a qual produz o conhecimento que permite à pessoa viver em contínua comunhão com Deus e compreender a realidade à luz dessa relação (BIANCHI, 2011, p. 12).

No fim, a pessoa é chamada a decidir, escolhendo livremente cada coisa e, assim, a operar, de modo consciente, na coerência e na autenticidade do estilo de vida assumido. Isso é possível porque, “uma vez reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e das paixões, o ato de decidir se torna um exercício de autêntica liberdade humana e de responsabilidade pessoal” (SINODO DEI VESCOVI, 2017, p. 47, tradução nossa).

Em suma, um bom processo de discernimento dependerá da boa articulação do trinômio “reconhecer – interpretar – escolher”, assim sintetizado pelo Sínodo dos Bispos:

reconhecer significa “dar nome” à grande quantidade de emoções, desejos e sentimentos que habitam em cada um (com sucessos e derrotas). Na base deste trabalho de interpretação, torna-se possível operar uma escolha que não é somente fruto de pulsões ou de pressões sociais, mas também exercício de liberdade e responsabilidade (SINODO DEI VESCOVI, 2018, p. 113, tradução nossa).

Desse modo, o jovem cristão progressivamente formará sua consciência e moldará sua vida à de Cristo, que é sinal de amor e de esperança, realizando-a com maior liberdade e fidelidade a Deus. Assim, seu empenho e as renúncias naturais para manter a coerência

## Creio na Trindade

A fé trinitária explicada aos catequistas

João Batista Libanio



156 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Apresentando importantes tópicos sobre a Santíssima Trindade, por meio de perguntas e respostas, o autor responde a questões sobre a onipotência divina, a existência do mal, a compreensão de Deus em outras religiões, o Jesus apresentado pelos evangelistas, a relação entre o humano e o divino presente em Jesus Cristo, sua morte e ressurreição, além dos aspectos mais significativos da teologia sobre o Espírito Santo.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



com o estilo de vida cristã não serão um fardo insuportável, mas um ato convicto, realizado por quem ama e sabe ser amado.

### Considerações finais

Com base na fé recebida no batismo quando criança, como herança familiar, é necessário conduzir o jovem a uma experiência pessoal com Cristo. À medida que essa relação se aprofunda, aumenta o sentido de comunhão e de plenitude de vida.

Apesar de o jovem ser filho da atual cultura e portar todas as confusões e problemáticas nela presentes, ele é alguém que procura o amor e a verdade, e “sua realização é ligada à construção de um projeto vital e à busca de sentido que tal visão comporta” (MORAL, 2017, p. 158, tradução nossa). Portanto, educar o jovem nessa experiência religiosa significa envolvê-lo conscientemente na relação com uma Pessoa capaz de compreendê-lo e satisfazer suas aspirações fundamentais.

O processo educativo realizado na catequese poderá levar o jovem a uma melhor compreensão daquilo que se celebra e, depois, a uma sincera experiência religiosa, reforçando suas motivações para uma vivência coerente com a fé professada. Desenvolverá nele, por meio do confronto com a regra viva que é Jesus, uma atitude de escuta, de oração, de docilidade e de disponibilidade para tomar uma decisão.

A catequese mistagógica aparece como importante recurso a ser estimulado, pois promove a inserção gradual e profunda da pessoa no mistério de Cristo, celebrado e vivenciado na comunidade. Assim, com base na recuperação do sentido de crer, essa catequese age, integrando os âmbitos celebrativo e comunitário, fazendo crescer, em todas as etapas da vida, a disposição para o bem e possibilitando à pessoa maior aproximação à Verdade.

Nesse processo formativo, o educador acompanha os jovens na interiorização dos sacramentos, na inserção consciente

na vida cristã, desenvolvendo neles a conscientização ativa da caridade e do serviço na vida comunitária. O jovem é conduzido ao desenvolvimento interior e espiritual, adquirindo o hábito de ler e escutar a Palavra, reconhecendo-se membro do povo de Deus e pertencente à sua comunidade, na qual colabora, exercendo a própria ministerialidade.

Essa catequese amadurecerá no jovem sua capacidade de “reconhecer a obra de Deus na própria experiência diária”, o que ajuda “a crescer na virtude da prudência, articulando a orientação global da existência com as opções concretas, na consciência serena dos próprios dons e limites” (CV 282). A profunda intimidade com Cristo revela à pessoa as razões profundas e verdadeiras do seu ser, e desse modo ela poderá reconhecer e acolher as coisas boas que vêm de Deus, afastando-se das que são más. Tal caminho lhe permitirá crescer no bem, testemunhando um coração plasmado no amor de Deus, e amadurecer na vida cristã, em sintonia e comunhão com Jesus Cristo. **vp**

### Referências bibliográficas

- ALBERICH, Emilio. *La catechesi della Chiesa*. Leumann (TO): Elledici, 1992.
- BARBOSA NETO, J. S. Princípios para ações da pastoral e animação bíblica. *Revista de Catequese*, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 42-55, jan./jun. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vita liquida*. Bari: Laterza, 2009.
- BIAGI, Lorenzo. Discernimento come stile ed atteggiamento di vita. *Salesianum*, Roma, v. 80, n. 2, p. 278-294, mag./giug. 2018.
- BIANCHI, Enzo. *Cerca la volontà di Dio: il discernimento*. Milano: San Paolo, 2011.
- BIGNARDI, Paola. *Il senso dell'educazione*. Roma: Ave, 2011.

- CACUCCI, Francesco. *Catechesi, liturgia e vita: una proposta pastorale*. Bologna: EDB, 2000.
- \_\_\_\_\_. *XXIV Congresso Eucaristico Nazionale: linee teologico-pastorali per una catechesi mistagogica sulla domenica*. Bologna: EDB, 2008.
- CARLOTTI, Paolo. *La virtù e la sua etica*. Torino: Elledici, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Teologia della morale cristiana*. Bologna: Dehoniane, 2016.
- CASOLE, Andre. Persona e personalità. La responsabilità della relazione. In: SIGNORE, Mario; BRENA, Gian Luigi (Org.). *Libertà e responsabilità del vivere*. Padova: Messaggero, 2011. p. 107-135.
- CIONCHI, Giuseppe. *Catechisti oggi*. Leumann (TO): Elledici, 1999.
- COLZANI, Gianni. *Antropologia teologica: L'uomo: paradosso e mistero*. Bologna: EDB, 2007.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Catecismo da Igreja Católica (CIC)*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral (DCG)*. 11 abr. 1971. In: AAS, n. 64, p. 97-176, 1972.
- FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit: Exortação Apostólica Pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus (CV)*. 25 mar. 2019. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html)>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG)*. 24 nov. 2013. In: AAS, n. 105, p. 1019-1137, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Visita pastoral a Milão: encontro com os sacerdotes e os consagrados*, 25 mar. 2017. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco\\_20170325\\_milano-sacerdoti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170325_milano-sacerdoti.html)>. Acesso em: 10 maio 2021.
- GATTI, Guido. *Ma le virtù sono ancora di moda?* Leumann (TO): Elledici, 2004.
- HERNÁNDEZ, Jean-Paul. Il discernimento vocazionale. *NPG-Note di Pastorale Giovanile, Caselle Torinese (TO): Elledici*, n. 8, p. 5-42, dic. 2017.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Catechesi Tradendae: Exortação Apostólica sobre a catequese do nosso tempo (CT)*. 16 out. 1979. In: AAS, n. 71, p. 1277-1340, 1979.
- MANTEGAZZA, Raffaele. Educare alle virtù. *NPG-Note di Pastorale Giovanile, Caselle Torinese (TO): Elledici*, n. 1, p. 9-45, gen. 2019.
- MAZZINGHI, Luca. Apprendere a vivere: il tema del discernimento nella tradizione sapienziale di Israele. *Parola Spirito e Vita*, Bologna, v. 71, n. 1, p. 63-77, 2015.
- MORAL, José Luis. *Cittadini nella Chiesa, cristiani nel mondo*. Roma: LAS, 2017.
- PESENTI, Giuseppe Graziano. Mistagogia. In: BORIELLO, Luigi (Org.). *Dizionario di mistica*. Città del Vaticano: LEV, 1998. p. 820-823.
- SALA, Rossano. Invito alla lettura dei Lineamenta. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale: documento preparatorio e questionario*. Torino: Elledici, 2017a. p. 3-17.
- \_\_\_\_\_. *L'abito del discernimento*. *NPG-Note di Pastorale Giovanile, Caselle Torinese (TO): Elledici*, n. 8, p. 2-4, dic. 2017b.
- SINODO DEI VESCOVI. XV Assembleia Generale Ordinaria. I giovani, la fede e il discernimento vocazionale. Documento preparatorio. In: SALA, Rossano (Org.). *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale: documento preparatorio e questionario*. Torino: Elledici, 2017. p. 22-66.
- \_\_\_\_\_. *I giovani, la fede, e il discernimento vocazionale: instrumentum laboris*. Città del Vaticano: LEV, 2018.
- VALOR, Juan José Silvestre. Incontrare Dio nella santa messa. *Romana*, Roma, n. 63, p. 390-403, 2016.





# ROTEIROS HOMILÉTICOS

Izabel Patuzzo\*

\*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada – PIME. É assessora nacional da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

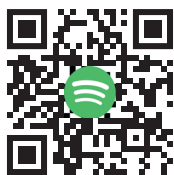


Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR   que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Esses cantos também podem ser escutados – mediante a busca pelo nome dos respectivos CDs – no próprio *site* da Paulus (paulus.com.br), o qual disponibiliza as partituras.

## SOLENIIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

1º de janeiro



## O plano divino da salvação

### I. INTRODUÇÃO GERAL

No início do ano-novo civil, a Igreja celebra uma solenidade especial: a de Santa Maria, Mãe de Deus. Com ela, a Igreja nos recorda o importante papel de Maria no plano da salvação. Essa festa tão antiga remonta ao Concílio de Éfeso, em 431. No plano da salvação, Maria aceita que, pela ação do Espírito Santo, a Palavra de Deus encarnada habite em seu ventre. Com seu sim a Deus, torna-se morada do Espírito Santo.

O novo ano que se inicia nos oferece também novas oportunidades, novas ideias e novas decisões para fortalecer nossa relação com Deus e com o próximo, tendo Maria como modelo de discípula capaz de dizer ao Senhor: “Faça-se em mim segundo a tua Palavra”. Neste primeiro dia do calendário civil, a liturgia nos convida a rezar pela paz no mundo inteiro. Promover a paz é

uma das bem-aventuranças proclamadas por Jesus. As leituras desta solenidade apontam para diversas coordenadas em nossa vida.

A primeira leitura nos fala da presença amorosa de Deus, como fonte contínua de bênção, que nos acompanha e protege em todos os momentos de nossa vida. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo nos recorda que Jesus veio a este mundo para nos libertar pelo poder do amor incondicional, a ponto de dar sua vida por nós. O Evangelho nos mostra que a chegada de Jesus a este mundo é motivo de júbilo para aqueles que têm o coração aberto para acolhê-lo, como os pastores de Belém.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Nm 6,22-27)

Um dos motivos para essa leitura ser escolhida para a solenidade é o fato de estarmos no primeiro dia do ano de nosso calendário civil. Dessa forma, esse texto do livro dos Números se apresenta como uma fórmula de bênção para o ano que se inicia. Segundo a tradição judaica, em ocasiões importantes, uma das funções sacerdotais era abençoar o povo. A bênção era sinal de fidelidade à Aliança e a garantia de que a promessa feita por Deus a Abraão – de acordo com a qual todas as gerações futuras seriam abençoadas – de fato se cumpria continuamente na história.



As palavras dirigidas por Deus a seu servo Moisés significam que essa bênção passa de geração em geração àqueles que são fiéis na observância da Aliança.

Tal bênção situa-se no contexto das últimas instruções do Senhor Deus a Moisés, antes que o povo escolhido deixasse o monte Sinai. Ela é um dom concedido a toda a comunidade dos fiéis reunidos, para que tenham vida, força e felicidade; todos são agraciados pela bênção divina. Repeti-la por três vezes significa o reconhecimento de que é fruto da generosidade divina; Deus mostra sua face de geração em geração, porque é sempre presente na vida de seu povo. Cada invocação corresponde a um dom especial: bênção, proteção e paz. O autor do texto expressa a fé de Israel, que sempre pede ao Senhor Deus que mostre sua face amiga e conceda a paz. Para aqueles que temem a Deus, essa bênção resume tudo de que precisam para uma vida em plenitude.

## 2. II leitura (Gl 4,4-7)

Alguns cristãos da Galácia provenientes do judaísmo pregavam que, para alcançar a salvação, os cristãos de origem não judaica deveriam se submeter a certas tradições e costumes judaicos, como a circuncisão e certas regras sanitárias e de purificação dos alimentos. Paulo intervém com muita convicção, afirmando que Jesus Cristo veio para todos e pelo batismo é que todos alcançaram a salvação. Esta não vem pela Lei ou por costumes judaicos, mas pela fé em Jesus Cristo. Sua morte redentora inaugurou nova era para judeus e não judeus. A salvação se estende a todos os que aceitam a proposta do discipulado de Jesus.

O texto apresentado na liturgia de hoje consiste num dos pontos centrais da carta aos Gálatas. Em sua mensagem, o apóstolo Paulo ensina que Cristo veio para libertar todos os que estavam sob o jugo da Lei. Pela sua

morte redentora, ele libertou todos os que eram escravos, tornando-os filhos de Deus. A leitura recorda também que Jesus nasceu de uma mulher; implicitamente, lembra-nos Maria, Mãe de Jesus. A centralidade do ensinamento desse texto é a dignidade dos discípulos de Jesus de serem filhos de Deus por adoção. Assim como Jesus, o discípulo pode se dirigir a Deus como filho. Paulo foi fiel ao Evangelho que lhe foi transmitido pelos apóstolos, no qual Jesus se dirige a Deus como Pai. Assim, a palavra “filho” é aplicada a Jesus e a todo cristão batizado.

## 3. Evangelho (Lc 2,16-21)

A narrativa de Lucas sobre o nascimento de Jesus dá a conhecer que as primeiras pessoas que se alegram, acolhem e visitam o Filho de Deus recém-nascido são os pastores. Eles cuidavam de seus rebanhos quando, durante a noite, os anjos dos céus lhes anunciam a grande notícia, encorajando-os a não ter medo. É precisamente essa a mensagem central da solenidade que celebramos. Iniciamos novo ano sob a proteção de Maria, que trouxe ao mundo o Filho de Deus. A exemplo dos pastores, que se dirigem apressadamente para visitar Jesus, Maria e José junto à manjedoura, nós também somos convidados a contemplar a simplicidade e a pequenez com que o Salvador veio ao mundo.

Os pastores, além de se dirigirem apressadamente para encontrar-se com Jesus, glorificam e louvam a Deus por esse tão grande acontecimento. No nascimento de Jesus, Deus se faz muito próximo desse grupo de pessoas. Jesus também vem como o verdadeiro pastor que, mais tarde, irá dar a vida pelas suas ovelhas. Ele foi acolhido por essa categoria de trabalhadores que passam a noite cuidando de seu rebanho. Simbolicamente, Lucas indica que o anúncio oficial do nascimento de Jesus é feito pelos anjos, criaturas divinas que trazem a boa notícia, em primeiro lugar, aos pastores. A

atividade de pastoreio, no Antigo Testamento, era atribuída a Deus. Assim, a presença dos pastores tem um sentido profundo de identificação com a missão de pastorear o povo que Jesus irá desenvolver e que Lucas apresentará em todo o decorrer do terceiro Evangelho.

Assim como os pastores agiram ao ouvir o canto celeste dos anjos, somos convidados a proclamar a glória de Deus, porque o Príncipe da paz vem até nós. Jesus é a luz que brilha na escuridão da noite. A experiência do nascimento é um ato comunicativo em todos os sentidos. Os anjos são comunicadores da Boa Notícia, e os pastores são aqueles que apressadamente acolhem a mensagem e vão ao encontro de Jesus. Maria, por sua vez, ensina-nos que as maravilhas desse grande acontecimento são para serem guardadas no silêncio do coração. É preciso esforço para compreender esse mistério. Lucas nos apresenta Maria como uma pessoa que sabe ouvir a mensagem divina, que a medita e guarda no coração. Desde a visitação, é aquela que acredita na mensagem do Senhor; escuta-a e a põe em prática. Por isso, Deus realiza grandes coisas em seu favor e em favor de seu povo.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Lucas descreve Maria como uma pessoa que sabe escutar. A história da salvação apresentada nas Escrituras nos revela que Deus é o primeiro a escutar o clamor de seu povo. Ele não se mantém indiferente às súplicas de seus filhos. Duas palavras-chave caracterizam a ação de Deus em relação à humanidade: escuta e palavra. Depois de escutar seu povo, Deus lhe dirige palavras de orientação. Como discípulos de Jesus, aprendamos de Maria e dos pastores a atitude de escutar o que Deus nos fala.

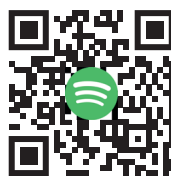
O papa Francisco nos convida a ser uma Igreja de encontro e de diálogo. A escuta nos educa para sermos atentos às manifestações de Deus em nossa vida, bem como para escutar

uns aos outros. Há muitos gritos da humanidade, da criação, que precisam ser escutados. Precisamos ser atentos como Maria, que ouve, contempla, guarda no coração o que Deus lhe comunica, mas se deixa transformar por tudo que ouve.

Os pastores também se puseram nessa atitude de ouvintes dos anjos e depois agiram segundo a mensagem divina. A liturgia deste dia nos apresenta grandes modelos de pessoas que souberam ouvir a voz de Deus e pôr em prática a mensagem recebida do alto. Interroguemo-nos: temos a mesma sensibilidade para estarmos atentos à vida e perceber a presença de Deus, como Maria e os pastores? Somos, a exemplo deles, capazes de deixar que a Palavra de Deus transforme nossa vida? Que a luz desta solenidade possa trazer para nosso novo ano um sonho para nosso bem e do próximo; um sonho-projeto para este ano; uma escolha de amor que nos guie por todo o ano.

## EPIFANIA DO SENHOR

2 de janeiro



## Jesus, caminho de luz para a humanidade

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta liturgia, a Igreja celebra a manifestação de Jesus como luz da humanidade. A festa da Epifania é a celebração do primeiro encontro de Jesus com os gentios, representados pelos magos vindos do Oriente. Segundo uma tradição que remonta aos primeiros séculos do cristianismo, cada um dos magos vinha de uma cultura diferente: Melchior da Ásia, Baltazar da Pérsia e Gaspar da Etiópia, representando as três raças

conhecidas no mundo antigo. Dessa forma, simbolizam todas as nações fora do judaísmo. Eram por natureza adoradores de divindades, e Deus usa de seus conhecimentos culturais, de sua capacidade de ler os sinais nos astros dos céus, de suas habilidades de identificar as estrelas, para conduzi-los até seu Filho enviado. Antes de conhecer Jesus, os magos contemplam as estrelas, mas, com seu nascimento, eles passam a adorar o Deus verdadeiro.

Trata-se de sábios que interrogam com sabedoria onde se encontra o Rei que acabara de nascer. Eles perceberam os sinais nos céus; viram a estrela que apontou para algo extraordinário. O primeiro sinal de sabedoria foi interrogar sobre aquilo que desconheciam: onde estava o rei dos judeus, isto é, Jesus, para se prostrar diante dele e homenageá-lo. As Escrituras nos mostram que Deus sempre toma a iniciativa de revelar-se à humanidade. A revelação divina em Jesus Cristo é a final e definitiva. Herodes ignorava as Escrituras, por isso não saberia responder aos magos onde o Messias devia nascer. Enquanto aqueles buscam a verdade, Herodes opta por não se aproximar dela, mas permanecer na ignorância. Que a sabedoria dos magos nos inspire a buscar nas Escrituras os caminhos que nos conduzem até Jesus, para adorá-lo e segui-lo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

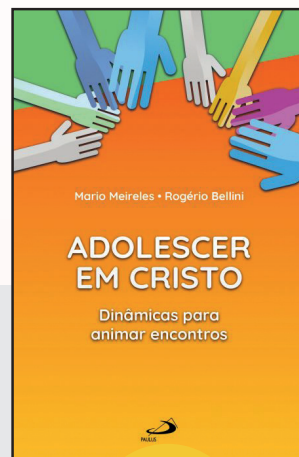
### 1. I leitura (Is 60,1-6)

A primeira leitura, do livro do profeta Isaías, anuncia a chegada da luz salvadora do Senhor Deus. Essa luz será a alegria de Jerusalém e atrairá todas as nações para a cidade santa, que representa o povo escolhido, cuja missão é ser luz para o mundo. A leitura pertence à terceira parte do livro, denominado Trito-Isaías. Tais profecias retratam o período do pós-exílio, um tempo relativamente longo e difícil para Israel. O regresso dos exilados para Jerusalém foi uma

## Adolescer em Cristo

Dinâmicas para animar encontros

Rogério Bellini / Mário Meireles



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Neste livro os autores apresentam ao leitor quarenta dinâmicas voltadas ao trabalho catequético com adolescentes e jovens. São dinâmicas que favorecem a escuta, a reflexão, a análise de conteúdos e situações, a comunicação, o autoconhecimento e os relacionamentos interpessoais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



experiência dolorosa, sobretudo pela situação devastadora do pós-guerra, com todas as consequências de um cenário de sofrimento tanto para os que permaneceram na terra como para os grupos de exilados.

É nesse contexto que o profeta dirige sua mensagem de encorajamento ao povo; com palavras de louvor e glória, apresenta Jerusalém como a cidade da luz, mostrando que, onde Deus habita, não há trevas. Implicitamente, o profeta faz um convite a Israel para se redimir e permitir que Deus habite em seu meio. A desolação das ruínas deixou a cidade vazia e escura, mas o tempo da humilhação passou. O povo aguarda a restauração, que vem da decisão de se aproximar de Deus novamente; de se deixar guiar por ele e reconstruir sua morada como sinal de renovação da Aliança. Inspirado na luz, o profeta anuncia a chegada salvadora de Deus, que dará à cidade um novo rosto. Deus é capaz de transformar a tristeza em alegria, a desolação em um lugar de bênção. Israel sempre será convidado a retomar a caminhada de fidelidade à Aliança e se deixar conduzir pela luz de Deus.

## 2. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

A carta de Paulo aos cristãos de Éfeso foi escrita quando ele estava na prisão. O fato de estar prisioneiro, possivelmente em Cesareia ou Roma, não impede o apóstolo de acompanhar pastoralmente a comunidade dos fiéis. O conteúdo de sua mensagem reflete uma fé amadurecida no exercício do ministério de pregar a Palavra, de anunciar Jesus Cristo em meio a tantas adversidades. No texto da liturgia deste domingo, Paulo afirma que Deus tem um plano de salvação que inclui judeus e gentios. A vinda de Jesus Cristo rompeu com todas as barreiras de separação. O convite para abraçar a fé em Jesus se estende a todos. Assim, judeus e gentios

se tornaram coerdeiros, membros de um mesmo Corpo e coparticipantes da mesma promessa de Deus.

O tema central da carta aos Efésios é o mistério do plano salvífico de Deus, estabelecido desde a eternidade, mas revelado, na sua plenitude, em Jesus Cristo. Esse mistério, que estava escondido, foi manifesto e realizado por Jesus, e comunicado aos apóstolos e sucessivamente a toda a Igreja. O mistério desvelado consiste na verdade de que todos aqueles que abraçam a fé em Jesus Cristo e se põem no caminho do discipulado alcançam a salvação. Esta não é exclusividade dos judeus, mas é destinada a todos os povos, sem exceção.

## 3. Evangelho (Mt 2,1-12)

Os magos vindos do Oriente, particularmente da Pérsia, não eram exatamente reis, mas uma casta sacerdotal, pessoas que exerciam função religiosa a serviço dos reis e do povo. Eram fiéis observadores das estrelas e tinham grande conhecimento de astronomia, pois acreditavam que as divindades habitavam nos céus e se manifestavam por meio de sinais. Os movimentos dos astros e estrelas no céu eram interpretados como formas de comunicação divina aos seres humanos, sinalizando eventos muito importantes. Assim, o brilho da luz que serviu de guia para os magos era muito visível e, ao se deixarem conduzir por essa luz, eles chegaram até Jesus.

O evangelista Mateus insiste em situar geograficamente onde Jesus nasceu: Belém de Judá, segundo havia sido anunciado pelos profetas. O lugar do nascimento de Jesus coincide com a terra natal do rei Davi, para recordar que o Messias esperado virá restaurar o reino de paz que foi quebrado quando o povo perdeu o domínio do reino conquistado por Davi. Como, na comunidade de Mateus, talvez houvesse pessoas com dificuldade de reconhecer Jesus como Messias

por ser de Nazaré, o evangelista deixa claro que ele nasceu em Belém de Judá, terra do rei Davi.

Os presentes oferecidos a Jesus – ouro, incenso e mirra – representam, respectivamente, sua realeza, sua divindade e sua passagem pela morte para nos alcançar a redenção. O ouro expressa que os magos reconhecem Jesus como o verdadeiro rei dos judeus; o incenso era reservado para os sacrifícios oferecidos a Deus. Na tradição do Antigo Testamento, o incenso é também símbolo de santidade e retidão. Dessa forma, Mateus elabora um texto catequético sobre Jesus já no início de seu relato; ao longo do Evangelho, as pessoas irão adotar duas atitudes básicas com relação a Jesus: acolhê-lo, como os magos, ou rejeitá-lo, como Herodes. Enquanto os magos se alegram porque encontram Jesus, Herodes fica profundamente perturbado. Mateus põe em evidência duas atitudes completamente opostas: a daqueles que se prostram diante do menino Jesus, reconhecendo sua realeza e divindade, e a de Herodes, que procura matá-lo. Desde seu nascimento, Jesus é apresentado por Mateus como o verdadeiro Messias enviado por Deus que, por um lado, será rejeitado por alguns de seu próprio povo, mas, por outro, será aceito e acolhido por muitos gentios.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa da Epifania pode ser vista como nossa própria peregrinação, realizada durante uma vida inteira, em direção a Jesus, até nosso encontro real com ele, que deve transformar nossa vida. Essa solenidade nos convida a ver a nós mesmos como magos, como discípulos constantemente em movimento, que caminham na direção de Jesus, deixando-se conduzir por sua luz. O Evangelho deste dia nos diz que, na busca por encontrar Jesus, há muitos desafios: podemos encontrar aqueles que o acolhem e adoram, mas também

aqueles que permanecem na indiferença e até no ódio e na violência. Em nossa caminhada de fé, encontramos grupos de pessoas com espírito destrutivo, como Herodes e seus companheiros; grupos indiferentes, como aqueles que apenas consultaram as Escrituras para saber onde Jesus devia nascer, mas não se interessaram em se encontrar com ele; e também grupos, representados no texto pelos magos, que vencem as distâncias, vêm ao encontro, oferecem seus presentes e adoram o Senhor.

Quais dons trago para oferecer a Jesus menino? Sou atento(a) aos sinais de Deus como os magos, que perceberam a estrela no céu com um brilho especial? Sou capaz de ler e interpretar os sinais de Deus em minha vida, nos acontecimentos da história e na sociedade? Sou capaz de me desacomodar, sair de minha zona de conforto, deixar as coisas às quais tenho tanto apego para ser livre e caminhar ao encontro de Jesus, assim como fizeram os magos?

## BATISMO DO SENHOR

9 de janeiro



## Caminho de vida nova no Espírito

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa do Batismo do Senhor conclui o ciclo do Natal, recordando a segunda epifania de Jesus, agora no rio Jordão, onde foi batizado por João. A voz do Pai o revela como seu Filho amado, enviado ao mundo. O relato de Lucas conecta o Espírito Santo com a filiação divina de Jesus em todos os eventos importantes, a fim de expressar que ele é o Filho amado

do Pai. Para ressaltar a condição divina de Jesus, o evangelista afirma que o Espírito Santo tem a forma física de pomba e desce do alto sobre ele. Essa leitura nos mostra a relação trinitária entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A primeira leitura, do livro do profeta Isaías, apresenta-nos a figura do servo escolhido de Deus e enviado ao mundo, cuja missão é instaurar a justiça e a paz na terra. O Espírito do Senhor repousa sobre ele, por isso o servo vai construir a paz pelo caminho da humildade e da não violência.

A segunda leitura reafirma que Jesus é o Filho de Deus enviado ao mundo para ser portador da paz e libertar os oprimidos. Ele veio para todos, judeus e não judeus. E, assim como ele realizou as boas obras do Pai, os discípulos são chamados a dar testemunho de sua fé em Jesus também por meio de palavras e ações.

No Evangelho, vemos o grande exemplo de humildade de Jesus, que se deixa batizar no rio Jordão. O Filho de Deus, a fim de inserir-se na realidade humana, também participa do ritual do batismo. Ele, que não tinha nenhum pecado, participa do batismo pela água, não para exaltar a si mesmo, mas para tomar a condição de servo humilde. Para resgatar os pecadores, deixa sua condição divina e se põe ao lado de todas as categorias de pessoas que precisam de sua libertação e salvação.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Is 42,1-4.6-7)

Parte do povo escolhido permaneceu cativo no exílio da Babilônia durante 60 anos aproximadamente. Entre os anos 580 e 538 a.C., foi escrita a segunda parte do livro de Isaías, chamado Dêutero-Isaías ou Livro da consolação. A primeira leitura da liturgia foi composta nesse período. O texto reflete

a realidade do final do exílio, e o profeta dirige sua mensagem ao povo para reavivar a esperança dos exilados, apresentando a figura do servo de Deus. Os exilados de Judá estão desorientados e sem perspectivas para o futuro. São tomados pelo sentimento de que Deus esqueceu seu povo.

A profecia de Isaías é dirigida aos exilados como uma mensagem de consolação nesse momento tão difícil. O servo é apresentado como alguém eleito e enviado por Deus para cuidar de seu povo; como sinal de que Ele continua a cuidar dos seus. Essa figura eleita por Deus e animada pelo Espírito tem uma missão tão grande, que vai além de cuidar do povo escolhido. Sua missão será universal, isto é, implicará cuidar de todos os povos da terra. Em primeiro lugar, consiste em restaurar a justiça nos tribunais, como base para edificar uma sociedade justa, que procura realizar o projeto de Deus na história.

A leitura afirma que a missão do servo é resposta a um chamado do Senhor para restaurar a paz por meio da justiça. Não é possível estabelecer a paz se não há justiça social. Nesse sentido, o servo convida todo o povo eleito a exercer a justiça, a fim de ser luz para todas as nações da terra. Sua ação é abrir os olhos aos cegos, libertar os cativos e os que habitam nas trevas. O Senhor envia seu servo para construir nova ordem social, a fim de superar todas as formas de trevas, alienação, sofrimento e desesperança que impedem o povo de caminhar em direção da liberdade e da paz. A profecia de Isaías se identifica com a missão do servo. Ele é o mensageiro de Deus para suscitar a esperança, promover a justiça e restaurar a paz.

### 2. II leitura (At 10,34-38)

O livro dos Atos dos Apóstolos é atribuído a Lucas, o mesmo autor do terceiro Evangelho. Em sua primeira obra, Lucas apresenta a missão de Jesus e, na segunda, a missão dos Doze e dos discípulos de Jesus. A missão dos



discípulos é realizada na fidelidade à proposta de Jesus Cristo. Segundo o texto de Atos, a Igreja que nasceu da missão de Jesus tem Pedro como guia. O apóstolo procurou ser fiel ao Mestre e, desse modo, percorreu os caminhos da missão fora da Palestina. Lucas recorda sua presença em Cesareia, na casa de Cornélio. Como liderança da Igreja nascente, Pedro toma a palavra e faz uma catequese essencial para os cristãos presentes; afirma que a fé em Jesus Cristo é condição fundamental para receber o batismo.

Inspirado pelo Espírito Santo, Pedro, em sua pregação, esclarece à comunidade reunida que a salvação oferecida por Deus é concedida a todos os que abraçam a fé em Jesus Cristo. O Senhor Deus não exclui ninguém de seu projeto de salvação. Esta se estende a todas as pessoas que o temem e praticam a justiça. A leitura nos apresenta uma parte essencial do anúncio querigmático da Igreja primitiva, que, aberta à ação do Espírito Santo, acolhe judeus e gentios, reconhecendo que Deus não faz acepção de pessoas com base em raça ou cultura. A acolhida da Boa-nova de Jesus Cristo é a única condição para ser discípulo seguidor de Jesus.

### 3. Evangelho (Lc 3,15-16.21-22)

O Evangelho proposto para a liturgia deste domingo nos apresenta a pregação messiânica de João Batista e seu papel diante do Messias enviado. Em seu anúncio profético, João deixa claro que o Messias está para chegar; o enviado de Deus será muito mais forte que ele próprio. Esclarece também que o batismo de conversão por ele oferecido nas águas do rio Jordão é diferente do batismo que será conferido por Jesus, com o fogo do Espírito Santo. Portanto, a missão profética de João distingue-se da missão do Messias enviado em três aspectos essenciais: Jesus está para chegar porque, cronologicamente, sua missão se inicia depois da de João Batista;

João não é digno de realizar a missão destinada ao Messias; as duas formas de batismo são diferentes entre si.

Segundo o relato de Lucas, João Batista é a última testemunha profética que anuncia a chegada iminente de novos tempos salvíficos e a renovação das promessas da Aliança. Esse novo tempo será inaugurado por Jesus. Ele é a presença do próprio Deus em pessoa no meio de seu povo para oferecer à humanidade escravizada a verdadeira libertação. O evangelista apresenta Jesus em oração durante seu batismo. Esta é uma das características do terceiro Evangelho: apresentar Jesus orando em todos os momentos decisivos de sua vida. E a presença do Espírito Santo, que desce sobre Jesus, indica, ao mesmo tempo, sua origem divina e profética. O Pai o declara seu Filho amado, e Jesus compartilha do mesmo sentimento em relação ao Pai. O céu aberto testemunha que, de fato, ele é o Messias. Lucas destaca que grande multidão estava presente, já preparando a missão pública de Jesus a partir de seu batismo. Assim, a celebração do Batismo do Senhor nos revela Jesus como aquele que assume plenamente a condição de Filho enviado; totalmente obediente ao Pai e guiado pelo Espírito.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A celebração do Batismo do Senhor marca o início da missão pública de Jesus. A narrativa de Lucas faz questão de destacar a presença da multidão nesse evento tão importante. Com o novo batismo inaugurado por Jesus, todo batizado recebe a graça do Espírito Santo. Pelo sacramento do batismo, tornamo-nos discípulos missionários. O papa Francisco nos recorda que todo batizado é enviado ao mundo; a vida é uma missão. Ele nos exorta a assumir o batismo não como uma missão individual, mas eclesial. A vida no Espírito Santo deve ser pautada na comunhão com a Trindade e com os irmãos e irmãs.

Batizar na Igreja não é um ato de proselitismo, mas expressão do desejo de nos tornarmos discípulos do Senhor, dispostos a partilhar gratuitamente o dom que recebemos no sacramento, sem excluir ninguém de nossa missão. A fé em Jesus Cristo que abraçamos no batismo nos dá a justa dimensão e compreensão de todas as coisas, fazendo-nos olhar o mundo numa perspectiva divina. Pelo batismo, participamos de uma Igreja sempre em saída em direção a todas as periferias humanas.

A nova vida conferida aos discípulos de Jesus, por meio do batismo no Espírito Santo, põe-nos em comunhão com o Senhor, vencedor do pecado e da morte. Assim, regenerados à imagem e semelhança do Criador, somos predispostos pelo sacramento do batismo a continuamente assumir uma missão de amor. Cada um de nós é uma missão no mundo, ensina o papa Francisco. A festa litúrgica de hoje deve nos indagar: como filho(a) amado(a) de Deus, identifico-me com o Filho amado, indo, a seu exemplo, ao encontro de meus irmãos e irmãs mais desfavorecidos?

## 2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de janeiro



## Fazei tudo o que Ele vos disser

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Esta liturgia constitui a primeira celebração dominical do novo tempo litúrgico que estamos iniciando: o Tempo Comum. Neste ano, iremos refletir sobre o Evangelho segundo Lucas. Ocasionalmente, a liturgia nos traz alguns textos do Evangelho segundo João, como acontece

neste domingo. O Evangelho deste dia nos apresenta o início do ministério de Jesus, o primeiro sinal que ele realiza, segundo a narrativa de João.

Para situar o texto desse Evangelho no contexto do Evangelho segundo João, é importante notar que o relato vem logo depois do chamado dos primeiros discípulos. O evangelista nos diz que Jesus, sua Mãe e seus discípulos foram convidados para uma festa de casamento em Caná da Galileia. João, no seu Evangelho, não fala em milagres, mas dos sinais que Jesus realizou para indicar sua identidade aos discípulos. Todos esses sinais evidenciam a origem divina de Jesus. Ao narrá-los, o objetivo de João é suscitar a fé em Jesus Cristo. O evangelista, ao concluir sua obra, recordará que Jesus realizou muitos outros sinais não registrados no seu relato, mas os sinais narrados têm como objetivo fazer que todos creiam que Jesus é, de fato, o Filho de Deus enviado ao mundo para redimir a humanidade.

A primeira leitura, do livro do profeta Isaías, usando de imagens próprias de casamento, define o amor de Deus como inabalável e eterno. Deus desposa seu povo escolhido, e nesse amor reside a alegria de Deus e de seu povo.

Na segunda leitura, Paulo fala dos carismas que o Espírito Santo concede à Igreja como dons. Os carismas ou dons são sinais do amor de Deus para a comunidade. Por isso, todos devem pôr esses dons a serviço uns dos outros. Para o apóstolo, é essencial que, na comunidade cristã, a diversidade dos carismas favoreça a unidade, o serviço e a comunhão.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Is 62,1-5)

O texto da primeira leitura pertence à terceira parte do livro do profeta Isaías, também chamada de Trito-Isaías ou Terceiro

Isaías, a qual reúne uma coleção de escritos anônimos atribuídos ao profeta Isaías. Talvez o autor ou os autores do Terceiro Isaías fossem membros da comunidade que se formou sob a liderança desse profeta. A leitura descreve os fatos ao redor de Jerusalém depois do exílio da Babilônia. É um cenário de destruição e desolação após a guerra. São tempos difíceis, e os habitantes da cidade vivem em situação de extrema pobreza. Enfrentam a humilhação da dominação estrangeira, bem como a perda da autonomia política e econômica. É nesse cenário que o profeta dirige sua mensagem de esperança ao povo. A reconstrução da relação com Deus é o centro do anúncio profético.

O profeta retoma o tema do amor conjugal, descrevendo Jerusalém – que simboliza o povo escolhido – como a esposa do Senhor Deus. O amor inquebrantável de Deus para com seu povo é o grande sinal de esperança. É sobre esse amor eterno que as relações devem ser reconstruídas. Jerusalém abandonou a Deus quando adorou outros deuses, corrompendo-se diante das propostas injustas de outros povos e abandonando suas tradições religiosas. Deus deixou de ser seu único Senhor. O profeta recorda que, da parte de Deus, esse amor nunca foi quebrado. Por isso, Ele continua a chamar seu povo de “minha esposa preferida” e “bem-amada”. A nova Jerusalém é a alegria do Senhor. É ele que toma a iniciativa de refazer a Aliança e novamente caminhar com seu povo escolhido.

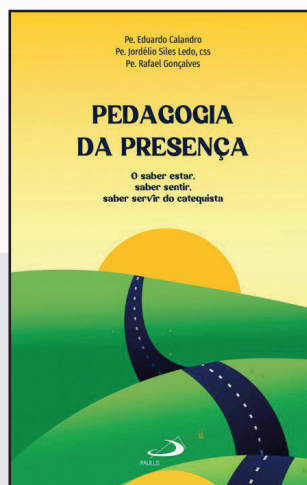
## 2. II leitura (1Cor 12,4-11)

A primeira carta de Paulo aos Coríntios destaca a importância da diversidade dos carismas, em uma longa seção de dois capítulos. Esse tema é considerado extremamente importante para essa comunidade. Carismas, aqui, têm o sentido também de graça divina, dom do Espírito Santo. O apóstolo adverte que, embora esses dons sejam

## Pedagogia da Presença

O saber estar, saber sentir, saber servir do catequista

Pe. Eduardo Calandro / Pe. Jordélio Siles Ledo, css  
Pe. Rafael Gonçalves



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

O objetivo deste livro é ajudar o leitor a viver a presença em sua missão de catequista, por meio da acolhida, do cuidado com o outro e do empenho para que ninguém fique à margem do caminho.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



concedidos para o bem de todos, podem ser usados para o mal, sobretudo quando são motivo de competição, divisão e orgulho, ou quando se faz uma hierarquia entre eles.

Na comunidade de Corinto, alguns membros estavam se considerando mais importantes que outros em virtude dos dons que possuíam. Estamos diante de uma comunidade com profundas divisões entre seus membros, porque alguns dons eram supervalorizados e outros considerados pouco importantes. Tais atitudes provocaram grande desarmonia e conflitos; algumas pessoas com certos dons se consideravam mais importantes e usavam tais dons para atrair aplausos, gerando individualismo. É justamente esse problema que Paulo resolve enfrentar, ajudando a comunidade a perceber que a diversidade de carismas existe para o crescimento da comunidade. Todos os carismas têm igual importância, assim como, no corpo, todos os membros são importantes; a falta de um só que seja provoca desequilíbrio. Paulo recorda, ainda, que não se trata de méritos pessoais, mas de dons do Espírito Santo concedidos à comunidade para o bem de todos.

### 3. Evangelho (Jo 2,1-11)

A transformação da água em vinho nas bodas de Caná, logo após o chamado dos primeiros discípulos, é o primeiro de uma sequência de sete sinais que serão realizados por Jesus. No Evangelho segundo João, todos esses sinais revelam quem é Jesus. Desse modo, seus ouvintes conhecerão sua identidade. Essa sequência de sinais culminará com sua exaltação, depois de passar pela morte de cruz.

A presença da Mãe de Jesus tem um sentido particular no Evangelho segundo João. Ela também estará presente junto à cruz, onde receberá a nova missão de cuidar da comunidade que Jesus instituiu. Para o evangelista João, Maria tem um papel muito importante na obra salvífica de seu Filho. Por isso, na primeira cena do sinal realizado por Jesus,

ele dialoga com sua Mãe; e Maria conclui essa conversa entre os dois com a observação típica de um discípulo fiel, dizendo: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

A narrativa nos dá uma referência geográfica muito importante: o sinal foi realizado em Caná da Galileia. Jesus dá início à sua missão pública nas periferias da Galileia. É exatamente aí que se inicia a manifestação de sua origem divina e sua hora se aproxima. O vinho era elemento indispensável na celebração de casamento, pois simbolizava o amor entre o esposo e a esposa. Na realização do sinal, Jesus estabelece algumas condições: encher de água as talhas de pedra e depois retirar uma porção, para que o chefe da mesa provasse. Dessa forma, o evangelista evidencia que Jesus é aquele que aponta o caminho para o vinho novo. É ele quem dá as diretivas, é ele quem tem a última palavra. O chefe da mesa não sabe de onde vem o melhor vinho, mas aquele que narra o sinal testemunha que sabe de onde vem. O verdadeiro discípulo de Jesus dá testemunho daquilo que viu e ouviu. Conhece suas obras.

O Evangelho segundo João, ao apresentar o início da vida pública de Jesus, não relata o chamado à penitência e à conversão, como o fazem os demais evangelistas; tampouco fala do anúncio iminente do Reino de Deus. No quarto Evangelho, Jesus começa sua atuação no meio do povo com uma ação simbólica que põe em evidência aquilo que ele veio trazer ao mundo: a alegria e o fim dos tempos de escassez. O vinho em abundância significa que sua presença, sua vinda, é uma festa com o melhor vinho. Não somente seus discípulos e sua Mãe são agraciados com essa festa alegre, mas todas as pessoas que participam das bodas.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O evangelista João nos brinda com esse texto, que nos fala de que modo Jesus veio revelar um Deus misericordioso, terno, que

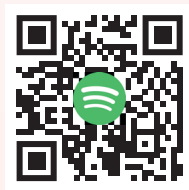
alegra seus filhos e filhas com sua presença. O vinho que Jesus veio trazer é justamente a alegria da Aliança eterna que ele confirmou com seu sacrifício na cruz. Esse vinho é sinal do amor verdadeiro e da alegria que nos faz festejar com a presença de Jesus e dos irmãos e irmãs. A celebração em comunidade faz, de fato, nosso coração se alegrar com a presença de Jesus e dos irmãos e irmãs?

O que cada personagem dessa narrativa nos ensina? O que nos ensina a Mãe de Jesus, a qual olha para o que falta? Quem incentiva as pessoas a fazer o que Jesus ordena? Aqueles que acolhem as diretivas de Jesus? Aquele que dá testemunho de onde vem o melhor vinho? Aqueles que se alegram com sua presença e com o vinho novo que Jesus traz? Que lugar ocupo nessa festa?

Nas Escrituras, as imagens de casamento servem para descrever a relação amorosa de Deus com as pessoas. A ausência do vinho nas bodas de Caná nos faz sério questionamento: onde está faltando vinho na nossa vida e em nossa comunidade de fé? Quais são as situações de escassez em nossa sociedade que somente Jesus pode saciar? O que devemos fazer para que a alegria do vinho novo que Jesus oferece chegue a todos?

### 3º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de janeiro



## Tuas palavras, Senhor, são espírito e vida

### I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos fazem o convite para que, em nível pessoal e comunitário, a Palavra de Deus seja o centro de nossa vida. O povo de Deus sempre

se nutriu da Palavra de Deus e por ela se orientou. Para a comunidade cristã, as Escrituras não são um livro de doutrinas, mas um caminho de vida, exatamente como nos apresenta esta liturgia. Essa é a mensagem do anúncio libertador de Jesus na sinagoga de Nazaré, no início de sua vida pública.

A primeira leitura nos apresenta um texto do livro de Neemias no qual a comunidade dos fiéis é reunida em torno da Palavra de Deus. Com o exílio na Babilônia, os israelitas se dispersaram; após a destruição do templo, a comunidade perdeu a liberdade de se reunir ao redor da Palavra. Com o retorno dos exilados, a vida comunitária começa a ser reconstruída, tendo por base a proclamação da Palavra. A força geradora da Palavra de Deus traz esperança e alegria para a comunidade dos fiéis no pós-exílio. A reconstrução do povo se faz por meio do compromisso assumido diante das Escrituras, proclamada de viva voz para todos.

Na segunda leitura, vemos que a comunidade de Corinto nasce e se alimenta da Palavra que Paulo anuncia aos irmãos e irmãs. O apóstolo orienta a comunidade a superar todas as formas de divisão por meio da Palavra. Não sendo possível estar presente em pessoa, ele se comunica por intermédio de uma mensagem escrita, como forma de falar à comunidade, exortando-a à unidade, à comunhão e ao serviço.

O Evangelho combina duas passagens separadas do início do Evangelho segundo Lucas. Os primeiros versículos nos fazem conhecer o objetivo do relato de Lucas: dar testemunho da fé em Jesus Cristo ao enigmático Teófilo, nome que significa “amigo de Deus”. Na visão do evangelista, todo aquele que acolhe seu testemunho de Jesus Cristo é um amigo de Deus. A segunda parte da leitura nos apresenta Jesus em seu primeiro discurso na sinagoga de Nazaré. Ao proclamar um texto de Isaías, ele faz o anúncio profético e libertador acerca de sua missão.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ne 8,2-4a.5-6.8-10)

A primeira leitura retrata o período do pós-exílio, entre os séculos V e IV a.C. Os habitantes de Jerusalém e seus arredores ainda contemplavam a destruição da guerra. Era um tempo de miséria e desolação. O povo de Deus estava desorientado e com dificuldades de reconstruir a vida em todos os sentidos. A comunidade dos fiéis se enfraqueceu e se desorganizou com a destruição do templo. Neemias nasceu no exílio e, como judeu, serviu como alto funcionário na corte de Artaxerxes, rei da Pérsia. Ele alcançou o privilégio de ter um cargo de confiança na corte e gozar de boa relação diplomática com o rei. Isso lhe permitiu expressar sua preocupação com seu povo e o desejo de colaborar com o projeto de reconstrução do novo rei. Artaxerxes se apresentou mais respeitoso com as colônias, atribuindo cargos de confiança aos povos que lhe eram submissos.

Neemias recebeu a autorização para visitar Jerusalém e contribuir para a reconstrução da cidade e do templo como emissário do rei da Pérsia, que havia conquistado o território da Palestina, derrotando a Babilônia. É nesse contexto que Neemias reúne os israelitas ao redor do que tinham de mais sagrado: as Escrituras. Ele reúne o povo na praça, pois o templo estava em ruínas, e faz a leitura de textos da Lei, recordando que Deus estabeleceu com Israel uma aliança que não se rompeu com o exílio. A mensagem central do texto é recordar que a Palavra de Deus tem um lugar central na comunidade dos fiéis. É dela que a comunidade deve se alimentar, e com base nela é que deve buscar respostas para se organizar e reconstruir Jerusalém, o templo e a si própria.

### 2. II leitura (1Cor 12,12-30)

A segunda leitura da liturgia deste dia é a continuidade do texto lido no domingo passado. Para falar da importância dos carismas

na comunidade cristã, Paulo recorre a uma comparação alegórica com o corpo humano. Ele recorre à imagem dos diversos membros que formam o corpo, os quais, na sua diversidade de funções, formam uma unidade. Da mesma maneira que todos os membros do corpo são essenciais e a falta de um só deles faz todo o corpo sofrer, assim ocorre na comunidade, onde a diversidade dos carismas concorre para o bem de todos. Não existe hierarquia entre os carismas. Todos são dons do Espírito Santo para a riqueza e o crescimento da comunidade. Por isso, a diversidade dos carismas e serviços na comunidade não deve ser motivo de competição, mas de ajuda mútua para o bem de todos.

A comunidade cristã, como corpo de Cristo, é uma comunidade de irmãos e irmãs que recebem os dons do Espírito Santo para serem partilhados na fraternidade. Sendo ela plural, no sentido de haver uma diversidade de funções, todos os membros são chamados à corresponsabilidade, à solidariedade e ao serviço mútuo. A mensagem central do texto é a unidade na diversidade. O apóstolo dá um destaque especial aos carismas relacionados com o anúncio e o ensinamento da Palavra, como os de profetas, apóstolos e doutores. Assim, Paulo recorda que a comunidade nasce e cresce ao redor da Palavra e todas as funções devem ser exercidas no equilíbrio e na harmonia, assim como vivem os membros do corpo.

### 3. Evangelho (Lc 1,1-4; 4,14-21)

Os dois trechos do Evangelho deste domingo pertencem à primeira seção do relato de Lucas sobre a vida e a obra de Jesus. Nos primeiros quatro versículos, o evangelista esclarece que o objetivo de sua narrativa, endereçada a certo Teófilo – que pode ser qualquer leitor, de qualquer tempo –, é apresentar a vida e a obra de Jesus Cristo. A segunda parte da leitura descreve a atuação de Jesus na sinagoga de Nazaré, no início de



sua vida pública, logo depois de vencer as tentações no deserto. Jesus toma o rolo do livro do profeta Isaías que lhe foi entregue e proclama exatamente o texto que define sua missão. Ele evidencia que sua obra está em continuidade com esse anúncio profético; portanto, com o que já havia sido anunciado nas Escrituras.

Por meio de uma citação do profeta Isaías, Jesus anuncia que seu ministério inclui a boa notícia da salvação para os pobres, a redenção dos cativos, a recuperação da vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos e a proclamação do ano da graça, com o perdão de todas as formas de dívidas. Como todos os judeus piedosos de seu tempo, Jesus frequentava a sinagoga, a casa da Palavra para a comunidade dos fiéis. E nesse ritual comum da leitura da Lei e dos Profetas, seguida da explicação dos mestres, Jesus segue a tradição das sinagogas, instruindo seus ouvintes acerca de sua missão, que era cumprir as Escrituras.

Ao apresentar o programa de Jesus, Lucas descreve o início da sua missão, nas periferias da Galileia, e depois a conclusão dela em Jerusalém. O projeto libertador de Jesus está em conformidade com as promessas divinas, anunciadas pelos profetas nos tempos antigos. Jesus leva a pleno cumprimento todas as profecias acerca do Messias enviado. Ele tem plena consciência de que é ungido e conduzido pelo Espírito Santo. Dessa forma, Lucas recordará tudo que sucede a esse anúncio profético. O que Jesus proclama na sinagoga de Nazaré se tornará realidade. Ele cura os doentes, acolhe e perdoa os pecadores, liberta toda sorte de marginalizados, como as mulheres, os considerados impuros e os estrangeiros.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O texto do Evangelho deste domingo é uma preparação para compreender todas as ações e ensinamentos de Jesus na perspectiva da comunidade lucana. Nossas comunidades

já conhecem a essência do projeto de Jesus, mas têm muitas dificuldades de pôr em prática sua proposta de vida. As formas de opressão, marginalidade e abandono dos pobres continuam a se multiplicar pelo mundo afora. A libertação que Jesus veio trazer continua tão necessária como no seu tempo. O anúncio profético da sinagoga de Nazaré deve nos interrogar: Quais situações à nossa volta oprimem as pessoas? Como acolhemos o pobre, o estrangeiro migrante, os doentes que carecem de tratamento digno, os órfãos abandonados, sobretudo pela situação de pandemia?

Todo batizado é chamado a percorrer o caminho de fidelidade trilhado por Jesus. A missão do cristão consiste em abraçar o mesmo projeto de Jesus ao longo da história. O papa Francisco lembra as crianças e os idosos abandonados pela sociedade; os migrantes que não sabem para onde se dirigir porque falta acolhida e solidariedade. Existem também aqueles que vivem nas prisões das drogas, do álcool, do tráfico humano. Essa mensagem é dirigida aos discípulos de todos os tempos. Como expressamos nossa preocupação e envolvimento com a libertação de tantos irmãos e irmãs oprimidos de tantas maneiras? O que posso fazer de concreto para continuar a missão libertadora de Jesus hoje?

#### 4º DOMINGO DO TEMPO COMUM

30 de janeiro



## Jesus, o profeta do Pai

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O Evangelho desta liturgia dá continuidade ao tema do domingo passado. O texto nos apresenta a reação dos ouvintes

de Jesus na sinagoga de Nazaré, após a proclamação do texto de Isaías e a atualização realizada por Jesus, que diz, em complemento, que essas profecias estão se cumprindo na sua pessoa. A multidão se surpreende com seu anúncio e permanece com os olhos fixos nele. Todos pensam que ele seja apenas o filho de Maria e José. Não podiam esperar tais palavras de alguém que acreditavam conhecer tão bem. Para os habitantes de Nazaré, Jesus era alguém comum entre eles. O relato de Lucas é sobre quem é Jesus e quem as pessoas acreditam que ele seja.

A primeira leitura, do livro do profeta Jeremias, convida-nos a refletir sobre o caminho de sofrimento desse profeta. Jeremias foi escolhido e consagrado pelo Senhor Deus para uma missão difícil: anunciar as catástrofes que poderiam acontecer muito em breve, porque seu povo havia se desviado da Aliança constituída com Deus.

A segunda leitura segue acompanhando a primeira carta de Paulo aos Coríntios, lida nos últimos domingos. Seguindo uma temática distinta dos textos precedentes, o deste domingo fala do amor gratuito, incondicional e desinteressado como imagem do amor cristão. O ponto comum que podemos estabelecer entre as duas leituras é a ideia de que tanto a ação profética como a caridade devem ser frutos da generosidade, sem nenhum interesse próprio. Somente assim podemos levar adiante a missão que nos é confiada por Deus.

Muitos habitantes de Nazaré, contemporâneos a Jesus, esperavam um messias triunfante, que devolveria a soberania nacional a seu povo. Por isso, alguns se maravilharam com o anúncio profético de Jesus na sinagoga, enquanto outros ficaram desapontados. Seguindo seu relato, Lucas nos revelará que Jesus é acolhido por muitos, mas também sofrerá rejeição em seu caminho.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jr 1,4-5.17-19)

O profeta Jeremias exerceu seu ministério profético por volta do ano 627 a.C. Nessa época, o Reino de Judá vivia em uma situação muito conturbada em vários aspectos: político, religioso, econômico e cultural. Os últimos reis de Israel tinham se corrompido, fazendo alianças com poderes estrangeiros e trazendo cultos idolátricos para seu povo. Em troca de alianças com reinos mais poderosos, que prometiam segurança, construíram altares para muitos deuses estrangeiros, afastando-se de sua fé no Senhor Deus e absorvendo costumes de outros povos. Tudo isso pôs em risco a identidade religiosa e cultural do povo escolhido.

É nesse contexto que Jeremias proclama as profecias dessa leitura. Ele recorda que sua vocação nasceu do encontro com a Palavra de Deus. Foi chamado e consagrado, por desígnio divino, desde o seio materno. Dizer que Deus o constituiu profeta das nações significa que Deus lhe confiou uma missão universal, mas Israel, enquanto povo escolhido, tem uma missão especial diante dos outros povos e nações. A mensagem que Jeremias anuncia, portanto, não vem de si mesmo; ele cumpre, com muita coragem, o que o Senhor lhe ordenou. Em decorrência dessa missão, irá sofrer rejeição e solidão, porque o que tem a dizer é verdade que não será acolhida com facilidade.

Em seu ministério profético, Jeremias de fato buscou realizar com fidelidade a missão que o Senhor Deus lhe confiou: anunciou e denunciou; demoliu e destruiu o que era contra o projeto divino. Ele também plantou e edificou, mas não teve muita aceitação, nem mesmo de seus amigos e familiares. Sofreu muita rejeição por parte do povo de Jerusalém, de seus sacerdotes e autoridades locais. Foi perseguido e maltratado por seu próprio povo. No entanto, nunca desistiu da missão que Deus lhe confiou.

## 2. II leitura (1Cor 12,31-13,13)

A segunda leitura deste domingo, da primeira carta de Paulo aos Coríntios, é também chamada de hino à caridade. Nela o apóstolo descreve o amor como um modo de agir que deve caracterizar o cristão. É o amor desinteressado, gratuito, fraterno e solidário. É muito mais que um sentimento, pois não é um agir egoísta, mas capaz de se estender até a quem não conhecemos, porque não busca nada em troca. Paulo exorta a comunidade de Corinto a se nutrir desse amor, cuidando dos que sofrem.

Paulo afirma que, mesmo quando se realizam coisas boas como profetizar, buscar conhecimento na ciência, ter fé em Deus, dar esmola aos pobres (como era costume na cultura judaica), se essas não forem ações fundamentadas no amor, perdem seu valor. Se o objetivo de tais ações for a busca de prestígio e aplausos ou se elas forem praticadas apenas por tradição, não podem ser consideradas frutos da caridade. Para o apóstolo, só o amor dá sentido a todas essas ações, assim como fez Jesus, que sempre foi movido pelo amor. Nesse hino, Paulo enumera as principais características do amor verdadeiro: é paciente, benigno, não se enche de orgulho, não é invejoso, não guarda rancor, não se alimenta de vingança – mesmo quando ofendido –, não responde com irritação, não compactua com a injustiça, não guarda ressentimento, enfim, é capaz de tudo perdoar e dar nova chance a quem errou e se arrependeu de coração. É o amor incondicional que se inspira no próprio Deus, e não em nós, seres humanos.

## 3. Evangelho (Lc 4,21-30)

No Evangelho segundo Lucas, o primeiro ensinamento público de Jesus em uma sinagoga se realizou em Nazaré, sua cidade natal. Esse episódio é de grande importância para o evangelista, pois, para ele, em Jesus se cumprem todas as profecias das Escrituras.

## Como propor hoje a fé aos jovens

Uma Força para viver

Assembleia dos Bispos de Quebec /  
Jacques Trudel (Tradução)



80 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra é um documento de orientação, um marco para a proposta do Evangelho de Cristo. Apresenta a evangelização como o amor, como a amizade daqueles que buscam Jesus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Os ouvintes da sinagoga, ao se perguntarem se não é ele o filho de José, julgam conhecê-lo muito bem. Os conterrâneos de Jesus o viram crescer, mas não perceberam, em profundidade, quem ele era de fato. Era um conhecimento externo, que não necessariamente os levava a se tornarem seus discípulos.

Esse texto associa a missão de Jesus à do profeta Elias, que visitou a viúva de Sarepta, mudando sua situação de fome em abundância. A viúva pertencia à categoria de pessoas pobres e marginalizadas, que dependiam da solidariedade para a sobrevivência. Jesus também, em sua missão, dirige-se aos pobres e marginalizados. Ele tem consciência de que terá a mesma sorte de todos os profetas que o precederam, os quais não foram bem acolhidos entre os seus. Os habitantes de Nazaré pedem que Jesus realize sinais esplendorosos, como ouviram dizer que havia operado em Cafarnaum. Estão à procura de espetáculo, mais do que de um ensinamento verdadeiro ou de um mestre que os guie nos caminhos das Escrituras. O caminho do discipulado que Jesus propõe é o caminho que também os profetas seguiram, feito de incompreensões, rejeições, riscos e, às vezes, solidão e recusa mesmo dos mais próximos. Jesus cita o provérbio segundo o qual nenhum profeta é aceito em sua própria terra. Isso demonstra a recusa dos próprios parentes a acolher o projeto de Jesus. Não obstante, Jesus revela sua identidade profética, e tudo o que ele proclamou na sinagoga de Nazaré começa a ser cumprido.

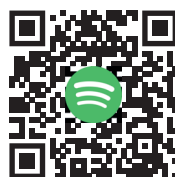
### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O caminho do ministério profético exige fidelidade à missão confiada por Deus, mesmo diante de incompreensões, rejeição e solidão. A profecia nasce quando nos deixamos provocar por Deus, e não quando conduzimos nossa vida na tranquilidade de manter tudo sob nosso controle. O profeta

é alguém que se abre às surpresas de Deus. Nestes últimos tempos, o papa Francisco tem recordado à Igreja que precisamos muito de profetas e que o perfil de profeta consiste em seguir o caminho traçado por Jesus. O papa deixou claro que nenhum profeta é bem-aceito em sua terra, porque a voz profética traz esperança, mudanças de um novo tempo, vai às raízes da verdade e abre novos horizontes para cuidar dos mais necessitados. O profeta arrisca a própria vida para ser fiel ao projeto de Deus. A primeira leitura e o Evangelho nos interrogam se temos coragem de aceitar trilhar o caminho da profecia. Muitas vezes, o medo de críticas, do abandono das pessoas que queremos bem, a opinião dos outros sobre nós nos impedem de sermos profetas. Pelo batismo, participamos da missão profética de Jesus. Ainda nos fala o papa Francisco: ser profeta não consiste em ser um crítico de profissão, mas, ao contrário, o profeta é aquele que reza, olha para Deus e para seu povo, sente dor e chora quando o povo erra ou se desvia do projeto divino. Além disso, ser profeta é fazer o possível para falar e viver na verdade.

### 5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 de fevereiro



## Chamados por Deus para uma missão

### I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos recordam que Deus continuamente chama pessoas para sua messe. A resposta positiva daqueles que respondem ao chamado conduz ao caminho do discipulado. Deus tem seus

próprios critérios para chamar pessoas para os diversos ministérios na Igreja. Ao apresentar diferentes chamados, como o do profeta Isaías, de Pedro e de Paulo, a liturgia nos dá a conhecer que eles respondem com generosidade, embora se encontrassem diante de acontecimentos tão desafiantes para a própria vida. Também nós somos desafiados pela Palavra de Deus a examinar nosso chamado pessoal, nossa resposta de conversão e adesão ao caminho do discipulado.

Na primeira leitura, o profeta Isaías, diante do chamado divino, sente-se uma pessoa inadequada para a missão que Deus lhe apresenta. Mesmo assim, porém, ele se dispõe a responder aos apelos de seu chamado. De forma simples e questionadora, coloca-se diante de Deus, disposto a servir, apesar de suas limitações humanas.

Na segunda leitura, Paulo apresenta uma reflexão sobre a ressurreição. Em sua catequese, afirma que a certeza de uma vida eterna na comunhão com Deus deve moldar a vida cristã. Viver nessa esperança deve nos encorajar a vencer o medo da morte e da injustiça.

O Evangelho apresenta as primeiras atividades de Jesus, ainda no início de seu ministério na Galileia. A figura de Pedro começa a se destacar como alguém que se põe no caminho do seguimento de Jesus, pondo-se a serviço dos irmãos e irmãs. E os frutos da pregação de Jesus são evidentes. Ao redor do Mestre começa a se formar o grupo dos primeiros apóstolos e dos discípulos que acolhem sua proposta.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Is 6,1-2a.3-8)

O texto de Isaías narra sua visão no templo antes da destruição. O profeta recebeu o chamado quando estava em oração. A experiência do chamado marcou a vida do

profeta, a ponto de ele situar historicamente o acontecimento: foi no ano da morte do rei Ozias. Estamos por volta do ano 740 a.C. Portanto, Isaías era ainda muito jovem. O relato do profeta deixa claro que sua vocação é obra de Deus. O Senhor é santo, infinitamente perfeito, acima de qualquer criatura humana, mas chama pessoas de lábios impuros – como diz Isaías –, indignas de receber tão nobre missão.

O texto enfatiza a objeção inicial de Isaías, porque ele não se sente apto para ser enviado por Deus para uma missão especial. Em sua humildade, o profeta exprime a consciência de seus limites pessoais. Responder positivamente a Deus requer aceitar o caminho de purificação. A vocação exige sair da zona de conforto e deixar-se modelar por Deus, que, no decurso de toda a vida, capacita os que ele chama. No final da leitura, temos a aceitação da missão por parte do profeta. Ele se põe à disposição do Senhor para ser enviado. Com uma disponibilidade generosa, apresenta-se com a resposta: “Eis-me aqui, envia-me, Senhor”. Essa é a resposta que Deus espera de cada um de nós.

### 2. II leitura (1Cor 15,1-11)

A segunda leitura apresenta uma reflexão sobre a ressurreição. Para os cristãos de origem grega, tal doutrina era ainda desconhecida. Os membros da comunidade que vinham do judaísmo já tinham incorporado essa doutrina à sua fé. O grande desafio de Paulo é conciliar a mentalidade grega e judaica em uma mesma comunidade. A diversidade cultural se apresentava como um dos grandes desafios à unidade. A cultura grega era fortemente moldada pelas suas concepções filosóficas, com uma visão dualista do ser humano. Os gregos acreditavam que o corpo e a alma eram duas realidades antagônicas. O corpo era visto como prisão da alma, como a sede dos desejos carnis, residência

dos sentimentos menos dignos, enquanto a alma era o centro dos sentimentos mais nobres.

O apóstolo indica que nossa ressurreição decorre não do fato de termos uma alma, mas da ressurreição de Cristo. Paulo recorre à experiência da ressurreição que as primeiras comunidades cristãs fizeram com o próprio Cristo ressuscitado. Ele recorda que Jesus se manifestou primeiro a Pedro, depois aos Doze e, por fim, a muitos discípulos. A presença de Jesus ressuscitado é sentida como real por aqueles que abraçaram a fé. Essa presença é acompanhada por muitos sinais. Embora seja histórica, ultrapassa o fato real, o espaço e o tempo, pois é uma experiência de fé. Isso é algo que vai além da compreensão da ciência, pois pessoas movidas pela fé passaram por mudanças radicais em sua vida. O encontro com Jesus ressuscitado transformou a vida de Paulo; ele se transformou em um apóstolo totalmente dedicado ao serviço dos irmãos e irmãs porque acreditou na ressurreição.

### 3. Evangelho (Lc 5,1-11)

O texto do Evangelho deste domingo apresenta a missão de Jesus, que vai se ampliando aos poucos. Nos episódios anteriores, Jesus realiza suas ações sozinho, mas agora Pedro inicia sua caminhada de discípulado, tornando-se um colaborador ativo na missão de Jesus. Pedro recebe um ministério novo; agora, é por causa da Palavra de Jesus que ele lança as redes. O chamado que recebe terá grandes consequências não apenas em sua vida, mas também na de seus companheiros.

Os discípulos passaram a noite inteira pescando e nada apanharam. É Jesus quem ordena lançar as redes. A obediência à sua palavra acarreta algo extraordinário: a pesca tem resultados impressionantes. O efeito da pesca suscita em Pedro o reconhecimento de que está diante do Senhor. Por isso, Pedro

se põe no caminho do seguimento de Jesus e outros fazem o mesmo. A rede cheia de peixes simboliza o êxito da ação missionária de Jesus com seus discípulos. Os atos de embarcar e desembarcar indicam o contínuo movimento missionário. Jesus forma ao redor de si um grupo de pessoas que está sempre em saída.

No relato de Lucas, a pesca milagrosa é claro exemplo de transformação na vida desses pescadores. Antes de serem chamados por Jesus, realizavam essa atividade como simples trabalho do dia a dia; agora, as margens do lago da Galileia se tornam lugar de missão. Ao serem atraídos por Jesus, Pedro e seus companheiros irão chamar outras pessoas a fazer o mesmo. É o disciplinado por atração, e não por proselitismo. O evangelista apresenta os vocacionados ao anúncio do Reino de Deus. O testemunho da pesca milagrosa irá levar Pedro, ao final do Evangelho segundo Lucas, a ser também testemunha da ressurreição. O chamado que recebe à beira do lago será para a vida inteira. A cena deste dia, narrada por Lucas, mostra Jesus no início de sua pregação, revelando toda a força de sua Palavra. Aqueles que a escutam e a põem em prática conseguem contemplar as maravilhas que o ensinamento do Mestre provoca em sua vida.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Quando refletimos sobre a vida de Isaías, Pedro e Paulo em relação à resposta que deram ao chamado de Deus, algo comum que se destaca é o sentimento de inadequação ao chamado, por um lado, e a resposta cheia de generosidade e confiança naquele que chama, por outro. É isso que qualifica a pessoa para a missão. Reconhecer os próprios limites, mas responder positivamente e deixar a graça de Deus agir. Como nos fala o papa Francisco, os orgulhosos e soberbos nunca irão se colocar diante dos seus como servos humildes, mas, quando deixamos a

graça de Deus agir em nós, então descobriremos o chamado especial que ele reserva a cada um.

Ao falar sobre o chamado à santidade, o papa Francisco lembra que essa meta não atingimos pelas próprias forças, mas é fruto da graça, da ação de Deus em nós. Cada um de nós segue seu próprio caminho de santidade, abraçando as fadigas do dia a dia. Responder à nossa vocação de batizados implica a consciência de que precisamos estar intimamente ligados a Jesus Cristo, como os ramos da videira ao tronco. O caminho que todo discípulo é chamado a percorrer é o da santidade, como resposta ao dom de Deus, assumindo as responsabilidades e deveres cotidianos e procurando fazer tudo com amor e caridade.

## 6º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de fevereiro



## Bem-aventurados os que confiam no Senhor

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O Evangelho deste domingo marca o início do assim chamado Sermão da Montanha. O texto de Lucas tem paralelo em Mateus (Mt 5,1-12). As duas narrativas apresentam similaridades e diferenças. Enquanto o texto de Mateus mostra Jesus ensinando com autoridade no topo da montanha, Lucas descreve Jesus ensinando em lugar plano, próximo de seus discípulos e da multidão. Para Lucas, a autoridade de Jesus se situa em outro nível: ele é o Filho de Deus entre nós. As leituras que nos são propostas nesta liturgia nos fazem refletir sobre o protagonismo de Deus em nosso meio.

A primeira leitura ressalta o perigo da autossuficiência dos que põem sua confiança mais nos seres humanos que em Deus. Aqueles que escolhem depositar sua confiança no Senhor se dispõem a percorrer um caminho de sabedoria, de vida e de felicidade plena.

A segunda leitura é a continuidade da catequese de Paulo acerca da ressurreição. O apóstolo sugere que façamos uma leitura da vida na perspectiva da vida plena, isto é, da vida nova que nos é reservada pela ressurreição.

As bem-aventuranças que encontramos nos Evangelhos segundo Lucas e Mateus se inspiram no Antigo Testamento, particularmente nos Salmos e na literatura sapiencial. Elas se propõem ser um caminho de vida para aqueles que buscam as bênçãos de Deus. Bem-aventurado, no contexto do Evangelho, quer dizer feliz, abençoado, aquele que obteve o favor de Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jr 17,5-8)

As profecias de Jeremias retratadas nessa leitura refletem o tempo do reinado do rei Joaquim (609 a 597 a.C.). Nessa época, o rei de Judá fez várias alianças com potências estrangeiras, que prometiam grande desenvolvimento e prosperidade a Israel. Grande parte do povo, sobretudo as autoridades de Israel, passam a confiar no poder dessas alianças mais que no Senhor Deus. É nesse contexto que Jeremias dirige sua mensagem de sabedoria, ressaltando onde deve residir a confiança e a esperança do povo escolhido.

Segundo o profeta, nossa esperança e confiança devem ser depositadas no Senhor Deus, e não em pessoas humanas. Isso não quer dizer que não devamos estabelecer relações de confiança com as pessoas, e sim que não podemos prescindir de Deus em nossa vida. A existência humana é efêmera,



frágil, passageira e limitada. A imagem de uma árvore plantada à beira da água descreve aqueles que depositam em Deus sua confiança; em oposição ao deserto, a planta que se encontra em contato com a água está segura, fecunda e com abundância de vida. A antítese estabelecida entre as imagens de “deserto” e “beira do rio” serve para evidenciar a vida em Deus e a vida apoiada nas seguranças que este mundo oferece. Dessa forma, o profeta adverte seus contemporâneos, que abandonaram a Aliança e depositaram a confiança nos poderes políticos de seu tempo, de que tal atitude levará o povo à ruína total.

## 2. II leitura (1Cor 15,12.16-20)

Essa leitura está em continuidade com a do domingo passado. É uma catequese sobre a ressurreição de Jesus. Depois de afirmar que Jesus ressuscitou, Paulo diz que também nós ressuscitaremos. Na comunidade de Corinto havia dúvidas sobre essa doutrina. Para os gentios, esse ensinamento era totalmente novo. Abraçar a fé em Jesus Cristo exigia abertura para essa novidade. Para Paulo, era evidente que, se Jesus ressuscitou, também nós teremos o mesmo destino. Essa fé fundamenta uma vida de esperança de que a ressurreição de Jesus são as primícias de todos os que ressuscitarão com ele.

A fé na ressurreição gera nova humanidade, que acredita e trabalha pela vida plena. Jesus abre caminho para que a humanidade inteira seja solidária com ele na defesa da vida, vencendo as forças da morte. A certeza da ressurreição garante-nos que Deus tem um plano de salvação para cada um de nós. Somos convidados, pois, a nos empenharmos pela vida até que sejamos unidos a ele na comunhão eterna. Esperar pela ressurreição implica se engajar contra tudo o que impede a vida plena neste mundo. Nesse sentido, Paulo nos anima a não vivermos com medo, mas a nos comprometermos ativamente com

a justiça, com a paz, promovendo a vida em todos os sentidos, até que alcancemos a vida plena em Cristo.

## 3. Evangelho (Lc 6,17.20-26)

O lugar em que Jesus pronuncia as bem-aventuranças, na narrativa de Lucas, não é a montanha, mas o lugar plano, pois o topo da montanha é lugar de oração, de contato com o Pai. Por isso Jesus desce a montanha para instruir seus apóstolos e discípulos. Nesse sentido, o relato de Lucas é diferente do de Mateus, no qual o discurso das bem-aventuranças é pronunciado por Jesus no topo da montanha. Para Lucas, descer a montanha significa se colocar próximo dos ouvintes e no mesmo nível deles. Na concepção desse evangelista, os bem-aventurados são aquelas categorias de pessoas capazes de acolher e seguir Jesus durante seu ministério, viver segundo seus ensinamentos e se deixar tocar pelas suas ações libertadoras. No Evangelho segundo Lucas, as bem-aventuranças são proclamadas logo após o chamado dos primeiros discípulos. Esse ensinamento é para eles.

Em sua pregação, Jesus declara que os bem-aventurados que se puseram no caminho de seu discipulado serão acolhidos no Reino de Deus. Em Lucas, a pobreza, a fome, a aflição, a perseguição por causa da justiça caracterizam a situação existencial concreta dos discípulos. O Reino dos céus pertence àqueles que sofrem porque abraçaram o projeto do Reino de Deus. Por isso, serão saciados, consolados e acolhidos pelo próprio Deus. Eles são os verdadeiros destinatários da bênção divina. A recompensa será grande para todos os que sofrem por testemunhar a fé em Jesus Cristo.

Somente o relato de Lucas apresenta as expressões “ai de vós”, que são o oposto das bem-aventuranças. Os que não serão abençoados são todas as categorias de pessoas que se opõem à missão de Jesus

e perseguem seus discípulos. Representam todos aqueles que depositam sua confiança nos poderes deste mundo, nas riquezas e no poder. O discurso de Jesus deixa claro que a felicidade fora do Reino de Deus é passageira. Reconhece, porém, que os ricos e poderosos deste mundo não estão preocupados em entrar na dinâmica do Reino de Deus. Não obstante, Jesus adverte que os êxitos neste mundo podem terminar em fracasso e culminar com a perda definitiva da alegria e do consolo verdadeiros. O caminho das bem-aventuranças é o mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo; é nele que reside a verdadeira bênção e felicidade.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

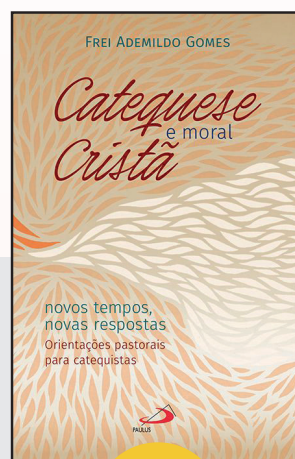
A lista de bem-aventuranças apresentadas no texto do Evangelho abala nossa sensibilidade. Aqueles que são pobres, famintos, que choram ou são perseguidos são chamados de bem-aventurados. A mensagem proclamada por Jesus é totalmente contrária ao que o mundo pensa. As bem-aventuranças mencionam situações que frequentemente são vistas como sinais do abandono de Deus. Por sua vez, os “ai de vós”, relatados apenas no texto de Lucas, apontam para situações que muitas vezes são consideradas sinais de bênção, como ter riquezas, abundância, boa reputação e alegria. Tudo isso são coisas que não nos dão garantias da felicidade eterna. Além disso, direcionam nossa confiança a coisas erradas e podem nos conduzir a um estilo de vida que nos afasta da felicidade eterna. O conjunto das bem-aventuranças nos faz refletir: Como percebemos a bênção de Deus em nossa vida? Quais sinais indicam que sou uma pessoa bem-aventurada?

Em uma de suas catequese sobre as bem-aventuranças, o papa Francisco exortou a multidão reunida na praça de São Pedro, dizendo que o motivo da bem-aventurança não é a situação atual, mas a nova condição

## Catequese e Moral Cristã

Novos tempos, novas respostas.  
Orientações pastorais  
para catequistas

Frei Ademildo Gomes



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK

A obra tem como objetivo auxiliar os catequistas no processo de iniciação à vida cristã, no tratamento dos principais problemas e questionamentos de ordem moral da sociedade moderna. Dividido em cinco capítulos, o livro traz temas relacionados à moral e que lançam diversos desafios à reflexão teológica.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

que os bem-aventurados recebem como dom de Deus: “porque deles é o Reino do céu”, “porque serão consolados”, “porque possuem a terra”, e assim por diante. Deus, para se doar a nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, talvez os dos nossos limites, das nossas lágrimas, das nossas derrotas. Podemos estar certos, porém, de que as bem-aventuranças nos conduzem sempre à alegria; são o caminho para alcançar a alegria.

7º DOMINGO DO TEMPO COMUM

20 de fevereiro



## Sede misericordiosos

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos faz refletir sobre um tema muito importante para nossa fé cristã: a relação com nossos inimigos ou com aqueles que se opõem aos valores evangélicos que abraçamos. As leituras nos convidam a substituir a lógica da violência e hostilidade pela lógica do amor incondicional, inspirado na misericórdia divina.

A primeira leitura nos apresenta um fato ocorrido com o célebre rei Davi, o qual, diante da oportunidade de eliminar Saul – que havia se tornado seu inimigo –, não se beneficiou dessa vantagem. Ao contrário, teve a consciência de que a vida de seu inimigo pertencia a Deus, por isso deixou que Deus fizesse a justiça, segundo seus desígnios.

A segunda leitura dá continuidade à catequese de Paulo acerca da ressurreição. A lógica que nos move em direção à vida eterna é o amor a Deus e ao próximo. O exercício da construção da paz por meios

pacíficos é um dos caminhos para nos prepararmos para a vida plena que Deus nos reserva no futuro.

O Evangelho é a continuidade do ensinamento das bem-aventuranças. As palavras de Jesus nele nos são muito familiares. Elas constituem a regra de ouro para o caminho do discipulado: amar até os inimigos. Isto é, aquelas pessoas que nunca irão retribuir o bem que lhes fizermos. Não julgar nem condenar: somente Deus tem autoridade para tanto. Mesmo assim, ele sempre prefere usar de misericórdia, proporcionando ao pecador a possibilidade de conversão.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (1Sm 26,2.7-9.12-13.22-23)

Esse texto do primeiro livro de Samuel relata os diversos conflitos no início da monarquia em Israel. Ele pertence a um conjunto de escritos que descrevem a ascensão do rei Davi e seus confrontos com Saul. O texto narra um dos confrontos entre os que apoiavam a tomada de poder por parte de Davi e os que ainda apoiavam o rei Saul. A leitura retrata um período muito difícil, pois Davi se sentia o escolhido de Deus para assumir o trono, mas Saul ainda reinava. Diante da oportunidade favorável de atentar contra a vida de Saul, Davi se recusa a tirar a vida de seu inimigo, respeitando sua tradição israelita, fundamentada nos Dez Mandamentos.

O texto nos põe diante de duas formas de lidar com aqueles que agredem a vida, usam de violência e não governam o povo com sabedoria. Uma das formas de eliminar os que agem mal é atentar contra sua vida; a outra é de quem decide não entrar na lógica da violência. Essa foi a atitude do rei Davi, descrita pelos autores do livro de Samuel. Tal atitude deixa transparecer a ética, a virtude dos verdadeiros filhos de Israel; a sabedoria daqueles que se deixaram conduzir pela Lei de Moisés dada ao povo, e não por seus impulsos humanos. A lógica da violência

sempre fez parte da história humana, mas temos também muitos exemplos de pessoas que usaram da não violência para construir a paz.

## 2. II leitura (1Cor 15,45-49)

O texto proposto para este domingo faz parte de longa catequese paulina acerca da ressurreição. Na tradição judaica, a ressurreição era concebida como uma continuação da vida terrena. Para os cristãos de Corinto, que vinham de outra tradição religiosa e cultural, esse ensinamento era totalmente novo. Paulo considerava importante afirmar que a crença na ressurreição exigia uma coerência de vida orientada para a existência futura, em comunhão com Deus. Para explicar esse mistério tão grande, o apóstolo recorre à imagem de Adão, a primeira criatura humana, moldada por Deus a partir da terra. Por um lado, a vida do ser humano, enquanto caminha neste mundo, terá seu fim com a morte; por outro, a vida em Cristo Jesus, o novo Adão, conduz-nos para a eternidade.

Pelo batismo, somos chamados a uma vida segundo o Espírito. Nele, somos sepultados para o pecado e renascemos na graça para a vida plena, na comunhão com Deus. Pelo batismo, fazemos parte do corpo espiritual, somos chamados a ter a vida em Cristo ressuscitado. Nele nos tornamos novas criaturas. Assim, Paulo nos ajuda a compreender que a fé na ressurreição nos mergulha numa vida totalmente nova. A morte é o fim da vida terrena, mas a meta final a ser alcançada é a vida plena em Cristo. Ele é o modelo de vida que devemos seguir; é à sua imagem que devemos moldar nossa vida e superar todas as formas de morte.

## 3. Evangelho (Lc 6,27-38)

O texto do Evangelho se inicia com um ensinamento desafiante de Jesus: amar os inimigos. Esse discurso segue a proclamação das bem-aventuranças, no domingo passado.

Por conseguinte, os inimigos, aqui, são as pessoas que insultam, perseguem e rejeitam os discípulos de Jesus. São aqueles que, de uma maneira ou de outra, se opõem à comunidade cristã. Para formar correta interpretação das palavras de Jesus acerca de amar os inimigos, é preciso entender o que as Escrituras diziam a esse respeito. Quem é fiel a Deus acolhe os mandamentos do amor. Aos que perseguem a comunidade, os discípulos de Jesus devem responder positivamente, com uma atitude oposta, isto é, responder com atitudes que promovam a paz. O ideal de vida, segundo os ensinamentos de Jesus, é não responder a uma injúria com ódio. Quem procede com hostilidade e violência não participa da dinâmica do Reino de Deus. A exigência de amar e perdoar já era presente no Antigo Testamento. Diante das nações inimigas, Israel sempre se sentiu chamado a ser um povo que tinha uma prática e uma ética de respeito pelo inimigo.

Jesus vai muito mais além em seu ensinamento. Ao propor como máxima o amor ao próximo sem exceção, até mesmo a quem nos odeia, sugere que seus discípulos não devem apenas evitar responder às ofensas com a mesma violência, mas também desarmar a dinâmica do ódio, da ofensa e da agressividade com a prática do amor. Isso não significa ter uma atitude covarde ou passiva, nem colaborar com a injustiça e a opressão, e sim ser capazes de gestos concretos que invertam a espiral do ódio e da violência. Essa é a regra de ouro que o discípulo é chamado a pôr em prática. A moral dos pecadores é apenas amar os amigos, os que se identificam com seu pensar e agir. O agir cristão exige ir mais além: não pagar com a mesma moeda. O amor cristão inclui o perdão, o diálogo, a construção da paz por meios pacíficos. A misericórdia divina é também a medida para construir relações fraternas. O discípulo é convidado a expressar a bondade do próprio Deus, sendo construtor da paz. O agir cristão



reconhece a presença do mal, mas não se deixa influenciar pela hostilidade, assumindo sempre o compromisso com o bem comum, fundamentado no mandamento do amor. Deus é capaz de amar muito além de todas as expectativas; sua misericórdia vai muito mais além do que podemos imaginar. O texto do Evangelho é um convite para que nossa resposta ao amor misericordioso de Deus seja também ir além das expectativas: fazer o bem até àqueles que não correspondem à nossa amizade ou amor.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na lógica do mundo em que vivemos, não responder a uma atitude hostil ou violenta é sinal de fraqueza, medo, covardia e passividade. Desafiar um inimigo e pagar com a mesma moeda é visto como virtude, coragem e fortaleza. Muitos assumem posições radicais na sociedade, defendendo suas opiniões com extremismo. Tais princípios, muitas vezes, têm contribuído para polarizações destrutivas, que não apenas impedem o diálogo, mas também provocam profundas divisões entre grupos, pessoas, famílias e membros das comunidades. Atitudes como considerar o outro como inimigo, como oponente, podem desencadear muitos conflitos e levar as pessoas a praticar ações desumanas. Para um cristão, é possível acreditar que a dinâmica do confronto nos faz mais livres e felizes? O que se conquista com a destruição dos inimigos?

Segundo a proposta de Jesus, nossa força e coragem se manifestam precisamente por meio da capacidade de inverter a lógica da hostilidade, da rejeição e da violência, e estender a mão até a quem nos ofendeu, caso precise de nossa ajuda. Quem segue Jesus não pode adotar uma postura agressiva ou violenta para resolver uma situação de injustiça. O que caracteriza o cristão é a disposição para diálogo, para dar o primeiro passo em vista

do reencontro, da reconciliação e do perdão. Isso não significa esquecer ou ignorar o mal, e sim tomar uma atitude positiva, não violenta, diante dos conflitos, proporcionando caminhos para a construção da paz.

## 8º DOMINGO DO TEMPO COMUM

27 de fevereiro



## A boca fala do que o coração está cheio

### I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras desta liturgia destacam algumas virtudes e qualidades que deveriam caracterizar a vida de todo cristão. É o testemunho da fé em Jesus Cristo que deve encher nosso coração, e não os critérios humanos, movidos pela busca pessoal de visibilidade.

A primeira leitura chama a atenção para o cuidado que precisamos ter para não avaliar as pessoas pelas aparências, e sim pela sabedoria de vida que revelam. Como o texto diz: a pessoa demonstra quem é pelo seu discurso. Não devemos nos impressionar pela habilidade teatral ou pela retórica de uma pessoa, e sim por sua sabedoria de vida.

Na segunda leitura, Paulo nos recorda que em Cristo Jesus todos alcançamos a vitória da vida plena. Por isso não devemos nunca esmorecer no testemunho de nossa fé, para que a vitória de Jesus Cristo não seja vã em nossa vida. A coragem de anunciar Cristo ressuscitado, por meio de uma vida cristã, fortalece nossa fé e nos ajuda a construir comunidades novas, que caminham na esperança da vida eterna.

No Evangelho, Jesus nos ensina que a qualidade de nosso coração determina a qualidade de nossas palavras e ações. O bem que se guarda no coração transborda nas atitudes. A boca fala daquilo que o coração está cheio.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Eclo 27,5-8)

O livro do Eclesiástico faz parte da literatura sapiencial que surgiu por volta do século II a.C. Nessa época, o povo judeu vivia sob o domínio dos selêucidas. O povo de Deus se encontra em uma situação difícil, seja pela dominação política e econômica do poder estrangeiro, seja pela imposição religiosa e cultural. Tudo isso põe em risco a identidade de povo escolhido. É nesse contexto que Ben Sirac, um escriba preocupado com a degradação dos valores morais, éticos e da tradição religiosa do povo, escreve sua mensagem de sabedoria, com o objetivo de ajudar a comunidade a refletir e resistir perante a cultura helênica. O texto da leitura deste domingo é um clássico da literatura sapiencial. Apresenta o sábio como aquele que fundamenta sua vida nas Escrituras.

O autor sagrado recorre a três imagens, retiradas do cotidiano da vida do povo: o crivo agitado, o forno onde o oleiro prepara o vaso, os frutos de uma árvore. Aqueles que agem pela aparência podem fingir, enganar, disfarçar, representar, encenar como num teatro, mas as palavras de sabedoria só podem brotar de corações sinceros. Além disso, são os comportamentos que revelam o íntimo de uma pessoa. A leitura conduz para uma conclusão óbvia: não nos deixemos impressionar pelas aparências ou pela exterioridade das palavras, e sim pelo bem, que é expressão do coração. Na verdade, o verdadeiro sábio, na visão do autor sagrado, é aquele que se inspira nas Escrituras, que orienta sua vida à luz dos princípios divinos.

### 2. II leitura (1Cor 15,54-58)

O texto escolhido para a segunda leitura conclui o ensinamento de Paulo sobre a crença na ressurreição. Essa doutrina era de difícil compreensão, visto que estamos no início do cristianismo. Os pilares da fé cristã estavam sendo ainda erigidos; não havia ainda uma tradição. Além disso, as comunidades cristãs fora da Palestina acolhiam pessoas de diversas tradições religiosas e culturais. Muitas comunidades eram formadas por cristãos gentios, convertidos do mundo grego, e judeus, que viviam na diáspora. Eram comunidades heterogêneas, inclusivas, que acolhiam a todos os que abraçavam a fé. Contudo, no que se refere à doutrina, tinham suas dificuldades e conflitos para chegarem a uma mesma concepção.

Ao chegar ao ponto final de sua catequese, Paulo faz afirmações decisivas, particularmente sobre a morte, que perdeu seu poder diante da ressurreição de Jesus Cristo. O mais importante não é como isso acontecerá, e sim a certeza da vida eterna prometida por Jesus a todos os que nele creem. Por isso, nossa ressurreição é incontestável. Pelo batismo, fomos purificados do pecado, do egoísmo, da escravidão, da violência e do ódio. Cristo nos libertou da vida de morte. E a palavra final do apóstolo é o convite para permanecermos firmes e inabaláveis, cada vez mais diligentes na obra do Senhor. Enquanto esperamos pela ressurreição, cabe-nos trabalhar a cada dia para vencer as obras da morte. O cristão deve se empenhar sempre para verdadeiramente se transformar em nova criatura e entrar nessa vida nova inaugurada pela vitória de Cristo.

### 3. Evangelho (Lc 6,39-45)

O texto do Evangelho é a conclusão do discurso que Jesus dirige aos seus discípulos na planície. Eles foram chamados por Jesus para conduzir o povo como guias. Por isso, não podem ser guias cegos, que não

conhecem ou não reconhecem o caminho a seguir. Dito em um contexto de não julgar, o ensinamento de Jesus refere-se, em primeiro lugar, ao tipo de cegueira que impede que se enxerguem os próprios limites ou defeitos. Seus discípulos não podem agir como os falsos mestres ou profetas. O verbo “guiar” ou “conduzir” se aplicava às lideranças que serviam de guias para o povo. Aquele que se propõe como guia deve ter clara visão de como conduzir os outros a uma direção certa. Caso contrário, as implicações serão desastrosas tanto para aquele que guia como para aqueles que são conduzidos por cegos.

Um segundo tema da leitura diz respeito à atitude de julgar os outros. Na comunidade dos discípulos, não há lugar para aqueles que se fazem juízes dos irmãos e irmãs. A intolerância e a intransigência não são atitudes que contribuem para o bem comum, pois abrem caminho para a condenação dos outros, muitas vezes por falhas insignificantes. Quem não está em uma atitude permanente de conversão tende a olhar mais para os pequenos defeitos dos outros e não enxergar os próprios defeitos. Com facilidade, toma a posição de quem se sente apto para julgar e condenar os demais. Somente Deus tem autoridade para julgar e condenar; no entanto, ele age com misericórdia.

A bondade é apresentada como um tesouro. O evangelista Lucas faz uma ligação entre bondade e os bons frutos, produzidos igualmente por boas árvores. O verdadeiro discípulo, que segue Jesus na fidelidade, produz bons frutos. Assim, o texto apresenta os critérios para discernir quem está apto para ser guia dos outros. Todos aqueles que acolheram a proposta de Jesus são como árvores boas que produzem bons frutos. O discurso conclui com o dito de que a boca fala daquilo de que o coração está cheio. Os discípulos devem ser bons guias de seu povo; devem orientar a comunidade dos fiéis por meio de suas ações, mas também por meio das palavras

que ensinam. Os falsos mestres e profetas tentam confundir as comunidades cristãs com discursos que desviam as pessoas do bom caminho. No contexto desse ensinamento, as palavras têm uma relação profunda com o ato de conduzir. Quem segue Jesus tem de testemunhar a coerência entre o falar e agir.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todo batizado, de uma forma ou de outra, é chamado a dar testemunho de sua fé em Jesus Cristo. Ser falso guia não é um risco apenas para quem tem responsabilidades na Igreja. O Evangelho, portanto, faz um convite para sermos verdadeiros em nosso testemunho. Jesus deixou claro que nem todos aqueles que o chamam de “Senhor” entrarão no Reino dos céus (Mt 7,21). Ele se opõe a qualquer atitude de seus discípulos que se fundamente apenas em aparências. A coerência entre o falar e o agir segundo seus ensinamentos é sinal de autenticidade. Aquele que, de fato, adere a Jesus Cristo está apto para entrar no Reino dos céus.

As leituras deste domingo são um convite para termos cuidado em como ensinamos ou conduzimos aqueles que o Senhor nos confia. Podemos ser tentados a apresentar-lhes uma doutrina ou um ensinamento que reflitam muito mais nossa visão e nossas teorias do que o Evangelho de Jesus Cristo; ou, ainda, atribuir a Jesus nossas próprias exigências, desvirtuando seu verdadeiro ensinamento.

O questionamento de Jesus deve nos levar a séria avaliação: Quais traves não estou enxergando em meus olhos? Por que o cisco no olho do outro me incomoda mais que a trave que está no meu? É fácil enxergar as falhas dos outros, tornarmo-nos exigentes, arrogantes, intolerantes com elas e, ao mesmo tempo, sermos tão condescendentes com nós mesmos, convencidos que estamos da verdade. Somos convidados a ter consciência da necessidade de estarmos em contínuo processo de conversão.

**vp**

COLEÇÃO

# PERSEVERANDO



A Coleção Perseverando apresenta, em cinco volumes, uma proposta concreta de evangelização, em estilo catecumenal, de Perseverança. Além disso, apresenta os fundamentos e desafios desta Catequese com base nos documentos do Magistério eclesial. Esta coleção prepara os catequistas para um diálogo com os jovens rico em testemunho e motivador ao aprofundamento da fé em Jesus Cristo.

paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 08000-164011  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus

Comunicação  
para um mundo melhor



Aponte a  
câmera do  
celular e  
adquira o seu!

PAULUS



# TEM NOVIDADE NA LITURGIA DIÁRIA!

**Liturgia Diária**  
Dezembro de 2021

Ano 30 • Nº 360



**Acesse pelo QR Code!**

Há mais de **30 anos** a **Liturgia Diária** acompanha o seu dia a dia e a cada ano que passa ela fica ainda mais moderna. Agora você também pode acessar os cantos da celebração de cada domingo por meio do QR Code localizado em sua Liturgia Diária. É só apontar a câmera do celular no local indicado e pronto! Participe da celebração com fervor e alegria.

**PAULUS, adotando com vigor e responsabilidade os meios de comunicação que a ciência e a tecnologia põem à nossa disposição.**

paulus.com.br/loja  
Tel.: (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
WhatsApp: (11) 99974-1840  
assinaturas@paulus.com.br  
f @ @editorapaulus



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

